

VILMA CONFORTIN SCHERER

Edição comemorativa de 80 anos da autora



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2019

Vilma Confortin Scherer

é gaúcha de Marau/RS. Nascida em 1939, deixou a cidade natal ainda na infância, quando aos 12 anos, seguiu para Erechim/RS, para estudar em colégio interno, onde também iniciou-se na vida religiosa, que perdurou por cerca de 15 anos. Já madura, tendo abdicado da opção religiosa e dedicando-se profissionalmente no magistério, no Estado de Santa Catarina, pôde escolher por sua verdadeira vocação, o matrimônio. Constituiu família com Antonio, seu companheiro em 30 anos de vida comum e com quem teve suas filhas, Kelly Regina e Katianne.

***TECENDO PALAVRAS,
EXPRESSANDO SENTIMENTOS***



Vilma Confortin Scherer

***TECENDO PALAVRAS,
EXPRESSANDO SENTIMENTOS***

Edição comemorativa de 80 anos da autora

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2019

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado pelo Autor em: 03/08/2018

Capa: Foto de Katiannie Scherer, do trabalho em pachwork da autora.

S326t Scherer, Vilma Confortin

Tecendo palavras, expressando sentimentos [recurso eletrônico] : edição comemorativa de 80 anos da autora / Vilma Confortin Scherer – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2018.

5,6 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-346-3

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Crônicas brasileiras.
I. Título.

CDU: 869.0(81)-94

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

SUMÁRIO

| | |
|--------------------------|----|
| <i>DEDICATÓRIA</i> | 9 |
| <i>PREFÁCIO</i> | 11 |

PARTE I – REFLEXÕES

| | |
|---|----|
| <i>MINHAS PRIORIDADES</i> | 15 |
| <i>ESPERANÇA</i> | 17 |
| <i>O QUE FAZER PARA TORNAR NOSSA VIDA FELIZ</i> | 18 |
| <i>DESIDERATE-SE</i> | 20 |
| <i>SAL DA TERRA</i> | 21 |
| <i>A VOZ DA NATUREZA</i> | 23 |
| <i>LIÇÕES DA NATUREZA</i> | 25 |
| <i>ROTINA?</i> | 27 |
| <i>SOU ÚNICO</i> | 29 |
| <i>PALAVRAS</i> | 31 |
| <i>AMAR E PERDOAR</i> | 33 |
| <i>QUANTO CUSTA UM ABRAÇO</i> | 35 |
| <i>BRAÇOS QUE ACOLHEM</i> | 37 |
| <i>BEM-ME-QUER, MAL-ME-QUER</i> | 39 |
| <i>FAZER NADA</i> | 41 |
| <i>RASGO NO BOLSO</i> | 43 |
| <i>RIA DE SI, SE PUDER</i> | 45 |
| <i>CAMINHANTE, NÃO HÁ CAMINHO</i> | 47 |
| <i>OLHE MINHAS MÃOS</i> | 49 |
| <i>JANELA ABERTA</i> | 51 |
| <i>JANELAS ILUMINADAS</i> | 53 |
| <i>A LIÇÃO DO PINHEIRO</i> | 55 |
| <i>AFINIDADE</i> | 56 |
| <i>INDIFERENÇA ÀS DIFERENÇAS</i> | 57 |
| <i>UMA BARRAQUINHA PARA MIM</i> | 59 |
| <i>PARABÉNS</i> | 61 |
| <i>PALCO CELESTIAL</i> | 63 |

| | |
|---|----|
| <i>AS LIDUÍNAS DA VIDA</i> | 66 |
| <i>VEIA BAILARINA</i> | 68 |
| <i>UMA CIDADE, UMA PRAÇA, UMA ÁRVORE.</i> | |
| <i>A MINHA ÁRVORE</i> | 70 |
| <i>QUERIA SER ASSIM... COMO ELA</i> | 72 |
| <i>MÃE</i> | 74 |
| <i>DENTRO E FORA DA MODA</i> | 76 |
| <i>O OUTONO DA VIDA</i> | 78 |
| <i>A ESCOLA DA VIDA</i> | 80 |
| <i>A CASA, O CAMELO E O MAR</i> | 81 |
| <i>FARDOS, QUEM NÃO OS TEM?</i> | 83 |
| <i>HERÓIS</i> | 85 |
| <i>RELAÇÃO HOMEM X ANIMAL</i> | 88 |

PARTE II – EXPERIÊNCIAS

| | |
|---|-----|
| <i>FOI ASSIM QUE TUDO COMEÇOU</i> | 93 |
| <i>SE AS PAREDES FALASSEM</i> | 95 |
| <i>POR QUE PARTICIPO DA OFICINA LITERÁRIA</i> | 96 |
| <i>GRUPOS NA TERCEIRA IDADE</i> | 98 |
| <i>MELHOR IDADE?</i> | 100 |
| <i>QUALIDADE DE VIDA DOS IDOSOS</i> | 102 |
| <i>QUANDO COMEÇAMOS ENVELHECER</i> | 103 |
| <i>A ARTE DE ENVELHECER - I</i> | 104 |
| <i>A ARTE DE ENVELHECER - II</i> | 105 |
| <i>AULA DOS SONHOS</i> | 107 |
| <i>SOMAR PALAVRAS</i> | 109 |
| <i>O TREM DA VIDA</i> | 111 |
| <i>NEGA DALVA</i> | 114 |
| <i>ESCREVA, BRANDÃO</i> | 116 |
| <i>VOCÊ FAZ SUAS ESCOLHAS</i> | |
| <i>E SUAS ESCOLHAS FAZEM VOCÊ</i> | 118 |
| <i>FAZE O BEM, NÃO OLHES A QUEM</i> | 120 |

PARTE III – VIVÊNCIAS

| | |
|---|-----|
| <i>A ARTE DA VIDA CONSISTE EM FAZER DA VIDA</i> | |
| <i>UMA OBRA DE ARTE</i> | 125 |
| <i>SONHO MEU... SONHO MEU</i> | 127 |
| <i>ESCOLA DO CORAÇÃO</i> | 129 |
| <i>OS PEDAÇOS QUE PERDI</i> | 131 |

| | |
|--|-----|
| <i>PATCHWORK</i> | 133 |
| <i>COMO DOU SENTIDO À MINHA VIDA?</i> | 135 |
| <i>ELAS, NOSSAS AVÓS</i> | 137 |
| <i>O DESCONFORTO QUE NOS CORA A FACE</i> | 138 |
| <i>A VIDA E O RIO</i> | 140 |
| <i>POR QUE ESCREVO?</i> | 142 |
| <i>CURVEMO-NOS À FÚRIA</i> | |
| <i>DOS ELEMENTOS DA NATUREZA</i> | 144 |
| | |
| <i>PARTE IV – LEMBRANÇAS</i> | |
| <i>SAUDOSA TAPERA</i> | 149 |
| <i>NAQUELES TEMPOS</i> | 150 |
| <i>MEMÓRIAS AFETIVAS</i> | 153 |
| <i>VELHO FOGÃO</i> | 155 |
| <i>RUAZINHA DA MINHA INFÂNCIA</i> | 157 |
| <i>AQUELA MULHER</i> | 159 |
| <i>POVERI BAMBINI</i> | 161 |
| <i>AONDE EU VOLTARIA</i> | 163 |
| <i>O SACRIFÍCIO COMPENSA</i> | 165 |
| <i>ANTIGUIDADES</i> | 167 |
| <i>COMO CHEGARAM NOSSOS ANTEPASSADOS</i> | 169 |

DEDICATÓRIA

Estas páginas, escritas em palavras simples, mas construídas com a mesmo zelo, sensibilidade e beleza com que me expresso numa arte em *patchwork*, são para quem muito amo, minhas filhas, Kelly Regina e Katianne.

**“As palavras que eu escrevo não são as mesmas que você vê,
mas lhe dirão mais e outras coisas”.**

Jorge Larossa

PREFÁCIO

Todo ser humano carrega um mundo dentro de si. E, quando este homem – o ser humano - começa a libertar o mundo que há dentro dele, reflete suas vivências, suas experiências, suas lembranças, suas emoções, sua sensibilidade, sua dor... É um pouco deste mundo aprisionado e muito de uma vida, que a escritora cronista Vilma Confortin Scherer reflete em *TECENDO PALAVRAS, EXPRESSANDO SENTIMENTOS*, este belo livro com o qual brinda seus leitores.

Na obra, a escritora vê e descreve o mundo que a cerca, através de palavras escolhidas e transformadas pela emoção e pelos sentimentos; tecendo pensamentos e construindo ideias vai retratando um mundo que a emociona através de lembranças, sonhos realizados ou esquecidos, possibilidades, verdades, utopias.... Os textos que compõem o livro retratam o universo da escritora, suas relações com pessoas, com a vida, com objetos, com escolhas, com sentimentos, esperanças e sonhos.

Vilma sabe buscar, em situações do cotidiano, temas para tecer, com maestria, um texto primoroso. As ideias são construídas dando ao leitor possibilidades de entrar no mundo da escritora e, com ela, conhecer as riquezas que devem ser repartidas.

O texto é construído em quatro momentos: como numa colcha de Patchwork (termo que dá título a uma das crônicas), as partes estão interligadas e unidas construindo um todo único e harmônico. A tecitura de cada parte nos remete a momentos distintos. Vilma inicia por *Reflexões* sobre suas prioridades, sobre amor e perdão, sobre a vida, a felicidade, as lembranças de infância e vivências familiares, sobre as lições que a vida dá, as lições da natureza – da qual é defensora -, a indiferença às diferenças.

Numa segunda parte, a qual intitula *Experiências*, escreve sobre suas incursões pelas oficinas literárias que frequenta, a aula dos sonhos, os colegas e escritores que admira; reflete sobre a arte de envelhecer e sobre os grupos de terceira ou melhor idade dos quais participa. São experiências de vida, de amor, de (con)vivência com amigos e colegas com quem compartilha momentos e constrói ideias. Fala de escolhas, de qualidade de vida, da arte de envelhecer...

Em *Vivências*, a terceira parte, a escritora retoma sua vida, re-memora lembranças de infância, momentos de emoção vividos, sonhos realizados, decepções. Em “A arte da vida consiste em fazer da vida uma obra de arte” e em “Como dou sentido à minha vida?” reflete sobre sua vida, sobre o que viveu e sentiu e se questiona sobre a importância de escrever sobre a vida, de compartilhar vivências e experiências.

“Saudosa Tapera”, “Naqueles tempos”, “Memórias afetivas”, “Ruazinha da minha infância”, dentre outras, são as belas crônicas que constituem a quarta parte a que chama de *Lembranças*. Aqui os textos mostram a sensibilidade da autora. Penetrar neles é desvelar o mundo emotivo que existe em cada um de nós ou deixar que o mundo da escritora entre em nós.

Tenho certeza que as reflexões, as experiências, as vivências e as lembranças tão bem tecidas e construídas nas crônicas da escritora, não são somente um sonho sonhado por ela e realizado ao ver a obra pronta. Tenho, sim, a convicção que a leitura dos textos nos ajudará a deixar fluir um pouco do nosso mundo interior, das nossas emoções, das nossas vivências. Que a leitura de ***TECENDO PALAVRAS, EXPRES-SANDO SENTIMENTOS***, de Vilma Confortin Scherer, minha querida irmã, nos encante e emocione.

Erechim, julho de 2018.

Helena Confortin

PARTE I
REFLEXÕES

MINHAS PRIORIDADES

Confesso que nunca havia parado para pensar com mais clareza nas minhas prioridades, a fim de estabelecer uma escala de valores. Simplesmente vai-se vivendo, dia após dia.

Toda pessoa precisa estabelecer para si, as devidas metas a seguir, fazer uso de um filtro para diferenciar o que é correto do que não é, o mais e o menos importante.

Estes valores os adquirimos na infância através da educação recebida na família e na escola. Com o passar do tempo e chegando à maturidade, novos valores podem ser agregados aos primeiros.

É importante que sejamos fiéis a estes princípios, pois desta fidelidade depende nossa felicidade.

Cada pessoa traça sua escala de valores e é fato que nos sintamos mais próximos daqueles que tem princípios semelhantes aos nossos.

Como base, particularmente, poria os cuidados com o corpo. Nos alimentamos para manter o corpo o mais possível sadio para com ele exercer as atividades diárias. O físico sadio é fundamental. *“Mente sadia em corpo sadio”*.

Além do alimento, nosso corpo precisa ser protegido, ou seja, agasalhado. É neste item que a mulher, principalmente ela, se perde em coisas desnecessárias.

Os comerciais criam os desejos os quais nos levam a consumir. Adquire-se, por vezes, em prejuízo do necessário. Não vivemos para consumir, mas consumimos para viver.

Na vida, nos sentimos bem à medida que sabemos guiar-nos pelo necessário.

O consumismo é, por vezes, sinal de vazio interior, da vitória do materialismo e a falência da espiritualidade.

Como homem algum é uma ilha, precisamos conviver com os demais, pois a solidão destrói; mas não significa que tenhamos que agir como os outros para conviver com eles. As coisas materiais jamais substituem a convivência.

Em sequência, cito os valores humanos ou universais tais como justiça, lealdade, paz, sinceridade, generosidade, solidariedade, honestidade... valores de ordem moral do ser humano, válidos para todos.

Seguem-se os valores espirituais, os que cultivo em meu interior, dos quais sou diretamente responsável, os que dão o real valor à minha vida: fé, esperança, caridade, humildade, oração, prática do bem.

Em resumo, o corpo, a vida, o espírito, não nos pertencem. São obras do Senhor que nos deu em benefício próprio e de nosso próximo. Dosar o peso da importância que damos a cada um desses valores, é escolha pessoal; esquecer deles é insana decisão de vida.

Devemos dar ao nosso corpo o cuidado que lhe convém e ao nosso espírito o valor de um bem inestimável.

ESPERANÇA

A princípio, uma virtude teologal como a fé e a caridade.

Com a realização das promessas divinas, a fé e a esperança perdem sua razão de ser, quando se dá nossa passagem para a outra vida. Não há mais por que crer e esperar.

Até lá, a vida é uma contínua espera. Esperamos o dia de amanhã ser melhor que o de hoje; esperamos o sol aquecer, o frio sumir, a chuva cair, a semente brotar, a crise passar, a doença curar, a saúde voltar, o negócio prosperar e por aí segue uma lista infindável de esperas.

Seguidamente nossa esperança é recompensada através de realizações de nossos desejos.

Assim como a felicidade, a esperança se alimenta de coisas pequenas. Ela não se realiza no presente, mas vive no futuro, na espera do que virá.

Nos dias atuais, onde tudo tem que ser muito rápido, a esperança que não acompanha a tecnologia, está em crise. Quer-se resultados rápidos, o que não ocorre na espera.

Levados pela rapidez de cada dia, não nos damos conta dos efeitos que esta virtude produz em nós. Ela age no silêncio interior, já que é dom do espírito.

Pelo fato de passarmos por tempos críticos, faz-se necessário o cultivo desta virtude que é a mola que nos impulsiona o viver.

As raízes da esperança estão afixadas na eternidade. Enquanto mortais, aguardamos, com esperança, a realização das promessas a quem crê e espera.

O QUE FAZER PARA TORNAR NOSSA VIDA FELIZ

Lembrei agora de um texto anônimo que li faz muito tempo.

Ao criar o homem Deus o fez semelhante a si, com as mesmas qualidades. Mas, pensou Ele, não pode haver mais que um Deus, é preciso que lhe tire algum atributo a fim de que fique inferior a mim, que sou Deus.

Dividiu com os anjos sua preocupação. Vieram sugestões diversas, pensaram e repensaram até que um deles teve brilhante ideia: vamos esconder do homem a felicidade e fazê-lo procurar por ela! Deus achou a ideia brilhante: a felicidade é um atributo importante, disse Ele, muito sisudo.

Eis que outra dúvida logo surgiu: onde escondê-la? Mais que depressa um anjo sugeriu o alto de uma montanha, o outro, as profundezas do mar e um terceiro, os abismos da terra.

Deus cofiou a longa barba e disse: nem um desses lugares é seguro. Eles logo a descobririam.

Um anjo que até então se mantinha calado e reflexivo, pediu a palavra e assim falou: creio que o lugar mais seguro e menos conhecido é o interior do homem.

Deus achou a ideia genial e lá escondeu a felicidade. Sim, a felicidade está em nós, em nossas realizações, na prática do bem.

Ser feliz permanentemente não ocorre. Acontece em raros momentos de distração, diz Guimarães Rosa.

E o grande Rubem Alves, diz saber de duas condições para que os raros momentos de felicidade aconteçam, sejam mais frequentes e mais longos:

1º É preciso ter alegria no que se está fazendo, pois o fazer dá prazer;

2º É preciso que a gente ame e seja amado.

O amor nos impulsiona, nos alimenta e nos dá coragem.

A felicidade acontece no dia a dia. Há pessoas que mantêm quase um estado permanente de felicidade pois é pouco o necessário para se viver bem. A própria natureza humana se contenta com pouco.

À medida que alimentamos desejos de ter mais e ser mais, diminuímos o grau de felicidade que habita em nós.

É tão mais importante ser feliz do que acumular!

DESIDERATE-SE

O médico e filósofo alemão Max Ehrmann devia estar em estado de graça e iluminadíssimo, ao escrever “Desiderata”.

É um texto poético completo, pleno da mais alta sabedoria.

Cada um de seus parágrafos é um programa de vida: vai tranquilo por entre o barulho e a pressa, pensando na paz que pode haver no silêncio; conviva bem com todas as pessoas sem sacrificar seus princípios; diga a sua verdade a quem quer que seja; evite os vulgares e agressivos; não se compare com os outros e seja você mesmo

E por aí segue, cada um dos parágrafos impregnados de sabedoria e virtude.

Recomenda valorizar as conquistas, cuidado nos negócios, usar a sinceridade, acreditar na força do amor, demonstrar a sabedoria que caracteriza a idade avançada, estar preparado para os infortúnios que a vida nos oferece, valorizar e manter a paz interior.

É um tema para ser meditado e vivido; e se pequena parcela da humanidade fizesse isso, o mundo não se encontraria no caos em que caiu, onde, ao invés do amor e paz, reinam o ódio, a desunião, o egoísmo, a ambição, o materialismo e tudo o mais que torna o viver cada dia mais penoso.

Acrescentaria ao final do texto original, um “amém”, que significa: que assim seja, que assim se faça.

SAL DA TERRA

“Sois o sal da terra e a luz do mundo.”

Sabemos o quanto o sal é importante em nossa vida.

Podemos preparar o melhor e o mais sofisticado dos pratos, mas se esquecermos do sal, não será o nosso esforço.

A falta de sal torna o alimento insosso, mas o excesso do mesmo o torna intragável e prejudicial à saúde.

É preciso que haja o meio termo entre a falta e o exagero. Assim é a vida.

Se vivida com moderação, sabendo separar o joio do trigo, se formos ponderados em nossos atos, agirmos com calma, dermos o devido valor às coisas, se olharmos ao nosso redor e virmos que não somos únicos, a vida nos sorrirá.

Um dos grandes males de que sofre a humanidade é achar que a vida é para sempre. Empenha-se ao máximo para acumular bens materiais, conseguir *status*, assenhorar-se do quanto for possível para ter uma vida e especialmente uma velhice tranquila. Esquece-se de pensar que a morte virá como um ladrão, sem aviso prévio do dia e da hora e que somente se levará o bem que tivermos praticado.

A vida é feita de muitos momentos e infinitos sentimentos, diz com propriedade Frei Jaime Bettiga.

Muitos altos e baixos sucedem-se em nossos dias.

Há horas que sentimos prazer interior que nos torna leves, felizes; a seguir estes momentos de prazer cedem lugar à tristeza, solidão, vazio interior, cansaço, problemas de toda a ordem. Isso tudo também não é duradouro.

Esta mutação de sentimentos é o que torna suportável nosso viver.

É preciso que sejamos fortes e nos empenhemos sempre para conseguirmos transpor estas barreiras.

Por vezes, o fracasso nos vence e aí o trabalho da superação é maior.

Um ombro amigo vale ouro, tanto nos bons quanto nos maus momentos da vida.

Aqui vem-me à mente, a lição dos gansos silvestres em sua revoada. Em grupo, o voo torna-se mais leve e fácil. O mais forte vai à frente seguido em dupla pelos demais, deslocando o ar, o que facilita o voo.

Eles são simples, humildes, unidos; o que os humanos nem sempre o são.

Há quem não divide com ninguém os problemas que os afligem; o que fazem é transformar probleminhas em montanhas intransponíveis.

Dividindo, diminui-se, reparte-se e a superação ocorre mais facilmente.

A VOZ DA NATUREZA

Durante a noite caíra uma grande tempestade com ventos muito fortes.

Ao clarear o dia, o menino, que passava férias na casa do avô, no sítio, chegou-se à varanda e, estupefato, com o que via, chamou pelo avô que veio apressado e também ficou surpreso ao ver a grande figueira por terra.

“Como isto, a grossa árvore tombou e o frágil bambu está ali, de pé!”, exclamou o menino.

O avô achegou-se ao neto, lhe pôs o braço sobre os ombros e do alto de sua octogenária sabedoria e experiência, assim falou:

- Meu filho, a imponente árvore não teve a humildade de se curvar à força da natureza. Quis enfrentar o vento e este a venceu. O bambu, humildemente, curvou-se à forte chuva e ventania reconhecendo sua imponência diante da fúria dos elementos da natureza. Era o que lhe coube e devia fazer.

- Proporcionalmente ao tamanho, as raízes da figueira não são tão fundas. As do bambu, no entanto, são tão profundas quanto a altura que ele tem para o alto. É praticamente impossível arrancar um bambu adulto pelas raízes.

- Outra razão de o vento não o haver arrancado, falou o avô, é que o bambu nunca está sozinho. Forma um aglomerado de hastes cujas raízes se entrelaçam, tornando-se muito fortes.

- Você notou que o bambu não tem galhos? Ele cresce para o alto e não para os lados, disse o avô. Com esta característica o bambu parece

nos dizer que não devemos nos preocupar com coisas insignificantes que nos impedem de crescermos na vida.

- Você notou que ele é cheio de nós, não de eu's? Como ele é oco não poderia resistir e quebraria fácil. Os nós o ajudam a ser forte e superar as intempéries a que está sujeito.

Meu neto, disse o velho, os nós em nossa vida representam as dificuldades que superamos. São, também, as pessoas que nos ajudam nos momentos difíceis.

- O bambu é oco, vazio de si mesmo. Mais uma grande lição para a nossa vida. Se nós nos esvaziarmos de nossas mesquinhas e preocupações que nos roubam o tempo e a tranquilidade, estaremos prontos para nos preenchermos de paz, alegria e tudo o mais que nos auxilia em nossa caminhada terrena.

Por fim, diz o bom velho: - O bambu só cresce para o alto, é a sua meta.

Fantástica lição! Certamente o neto ficou ali a pensar e admirar a sabedoria de seu avô.

Dia após dia me convenço que tudo na natureza é uma lição para a vida.

Aqui prevalece a lição da humildade, e também, da necessidade de aprofundar, através da oração, nossas raízes em Deus, de nos desapegarmos das mesquinhas, nos preenchermos de bons sentimentos e buscarmos as coisas do alto para o qual fomos criados.

LIÇÕES DA NATUREZA

Sabia de um médico obstetra que em suas horas vagas confeccionava gorrinhos de lã em tricô e cada bebezinho que auxiliava nascer recebia este mimo por ele tricotado.

O médico a que me referir a seguir, tinha por hobby, plantar árvores.

Como possuísse um sítio não muito afastado da cidade, era para lá que se dirigia sempre que possível, a fim de descansar da jornada estafante exigida pela profissão.

Naquela área desocupada, foi preparando o terreno e abrindo covas onde punha as mudas que levava.

O vizinho ao lado observava nobre atitude deste senhor, cuja profissão nada tinha a ver com o hobby.

Uma coisa intrigava o vizinho: jamais vira o médico regar suas plantinhas colocadas no solo dias anteriores.

Suspeitando que não soubesse da necessidade de regá-las a fim de favorecer as raízes a fixar-se ao solo e a plantinha crescer rapidamente, certo dia achegou-se ao médico que estava na faina de seu plantio, elogiou sua atitude e, pelas tantas, perguntou ao nobre trabalhador se não se fazia necessário regar as plantas.

Boa pergunta, disse o médico. Poderia regá-las sim, mas se fizesse isto, as raízes se acomodariam onde estão e ficariam à espera da umidade que vem de cima; a planta tornar-se-ia frágil e vulnerável à ação do vento e das secas e poderia até morrer.

Não as regando, as raízes se obrigam a aprofundar-se em busca de água e alimento e com o tempo, a planta fica mais forte e firme no solo.

Bela lição de vida.

Se no dia a dia esperamos sempre pela ajuda dos outros, se optamos sempre pelo mais fácil, se não formos fortes ante às dificuldades que se nos apresentam, se formos negativos e pessimistas, seremos pessoas frustradas, tudo torna-se difícil, seremos eternos pesarosos da sorte e do destino, invejosos da sorte e progresso dos mais afortunados.

E o bosque cresceu forte, deu sombra, produziu bons frutos e alegrou seu proprietário que desfrutou de seu serviço, favorecendo a si e à natureza.

ROTINA?

...Está tudo aí e nada se repete.

Cada dia é único, irrepetível e intransferível. Cada palavra dita é sempre uma estreia e uma despedida. Um gesto é sempre a primeira e última vez que o fazemos. Jamais voltará a acontecer na mesma realidade cronológica, geográfica e emocional em que ele se deu.

No gesto de amanhã nem eu serei o que sou hoje, serei outro, como o meu gesto.

Li o livro de Elisa Lucinda, “Parem de falar mal da rotina”, e tenho-lhe admiração porque tem a mente aberta, uma sensibilidade extraordinária, uma visão que alcança o horizonte, uma inteligência que supera o limite e um coração que beira a perfeição.

Ela sabe viver e desfrutar as maravilhas da criação.

É aberta às mutações de toda ordem que ocorrem na natureza.

Alguém em tempos idos, falando do poder do Criador, disse aos alunos que embevecidos o ouviam, que Deus é tão poderoso e criativo que no universo todo não encontraríamos duas folhas iguais. Isto me marcou profundamente e muitas vezes, criança ainda, procurava folhas que julgava iguais e suas pequenas diferenças.

Agora, em minha limitação, jamais pensei que um gesto meu é único e irrepetível, assim como cada palavra dita é uma estreia e uma despedida, porque o momento em que ocorreu o gesto ou foi dita a palavra, jamais se repetirá.

Sempre ouvi dizer que se deve aprender uma coisa nova a cada dia. Aqui veio um turbilhão de coisas novas que eu, em meu mundinho restrito, nunca havia pensado.

Andava encucada com a tal história da rotina.

“... fulana o que está fazendo”, perguntava ao telefone a amiga. E eu, um tanto frustrada, dizia: “Sempre a mesma coisa. Limpar, lavar, arrumar, cozinhar, tricotar, e amanhã começar tudo de novo”.

Como sou limitada! Também, nunca pensei na maravilhosa rotina de cada novo dia, no encantamento do nascer do sol, do desabrochar de cada flor, de cada onda que chega à margem, do voo de cada pássaro no azul do céu, de cada gota de chuva ou de orvalho que se forma sobre a grama... Tudo isto, e uma relação incontável de outras manifestações, fazem parte da rotina do Criador que tudo fez e faz em benefício de sua criatura.

Como somos pequenos, limitados e acomodados. É preciso que aprendamos a viver e encarar a vida com mais atitude e otimismo.

SOU ÚNICO

E o Éden maravilhoso e perfeito lá estava e recebeu a obra máxima da criação, o homem. Inteligente, livre, feliz, com ordens de guardá-lo, cultivá-lo e povoá-lo.

Este, deslumbrado por tanta beleza, com poderes de domínio, sentiu-se autossuficiente, a pretensão apoderou-se dele e rebelou-se contra o projeto da criação.

Sua ousadia não ficou impune: o trabalho tornou-se penoso e fatigante, veio a dor, a doença, limitações físicas, fraquezas morais e emocionais. “Comerás o pão com o suor do teu rosto”.

Sem demora entrou o mal, a rivalidade, a violência, a destruição e a morte.

O Criador, no entanto, continuou mantendo sua obra.

Desde então, o sol nasce diariamente, embora encoberto por nuvens, percorrendo a grande concha acústica que nos cobre, iluminando, aquecendo, trazendo vida, fazendo germinar as sementes, crescer as plantas, amadurecer os frutos.

A lua, menina de ouro do sol, bem como um número infinito de corpos celestes, bailam na abóboda celeste, brincando de esconder, e à noite, quais pequenas luzes natalinas, enfeitam o grande palco da vida.

E cá, fazendo parte desta composição de corpos celestes, está a terra, que, embora maltratada, mal dividida, profanada pelo uso indevido de agrotóxicos, continua obediente às ordens recebidas quando de sua formação: que a terra produza relva, ervas que produzam sementes, árvores que deem frutos, frutos que contenham sementes cada qual com sua espécie.

Completando a obra da criação, pássaros, aves e animais povoam a terra e os peixes dão vida às águas. Cadê a sensibilidade humana que não sabe ver e encher-se de admiração diante da explosão de vida existente na natureza e que a cada instante se renova?

Pelas janelas dos olhos e dos outros sentidos que possuímos e cada qual capta a parte que lhe cabe, assistimos e atuamos nesta grande obra aberta que é a vida.

Ora somos atores, ora expectadores. Importa desempenhemos bem nosso papel.

Na grande sinfonia da vida é preciso que toquemos com afinação o instrumento que nos cabe tocar e tenhamos a sensibilidade de ouvir e admirar a arte e a capacidade de quem toca ao nosso lado.

“O que a vida quer da gente, é coragem”, diz Guimarães Rosa.

E Elisa Lucinda para quem a vida é poesia e arte, diz: “A vida é uma colcha de retalhos bordada de personagens tão comuns, pescados no mar do cotidiano, ...como quem vai bordando a existência, ...como quem colhe poesia pela vida afora e traz notícias da melodia que não se perdeu, ...que parece coisa inventada...”

A natureza nos dá a regalia de sermos cada um, a seu modo, precioso e único exemplar.

PALAVRAS

A palavra, capacidade que temos de expressar as ideias por meio da voz, um conjunto de sons articulados e que tem alguma significação, é a expressão máxima da comunicação entre os seres humanos.

A palavra convence, nos orienta, forma e informa, nos eleva, nos oprime, nos engana, nos ilude e aos outros...

Pode ser séria, verdadeira, sincera, leal, comovente, alertadora, informativa, maldizente, difamadora ou tranquilizante.

Por vezes, exageramos no uso da capacidade da fala, visto que a palavra aflora de nós com muita facilidade.

Há um ditado popular que diz: “*Quem muito fala, muito erra*”.

Por vezes, dadas as circunstâncias, é necessária reflexão para não falarmos o que não é conveniente ao momento e às circunstâncias. Vezes há em que não temos coragem de transformar nossos pensamentos em palavras e estas, sequer conseguem sair de dentro de nós ou, saindo, não traduzem nossos pensamentos e sentimentos reais.

Podemos nos omitir de falar por temeridade de ofender, de sermos criticados, por falta de coragem ou timidez.

Já algumas situações pedem por nossas palavras. Em outras, elas são ditas frivolumente ou desconexas.

Pode, ainda, ocorrer de nos arrependermos de tê-las dito, porém, uma vez pronunciadas, são como penas ao vento: não há como recolhê-las.

A palavra é uma espada de dois gumes: pode ser muito eficaz, poderosa, bálsamo para feridas do coração; mas pode ter grande poder destrutivo também, sufocando, ferindo, magoando.

Há palavras que são luz para nossos caminhos, guias de nossos passos; palavras que conduzem e pautam uma vida. Entretanto, há as que pesam toneladas, duras como pedras, que ferem, marcam.

E sobre a palavra ‘Amor’, haverá outra tão sublime? Ou ‘Amizade’, ‘fé’, ‘alegria’, ‘compreensão’, ‘honestidade’, ‘justiça’ e tantas outras que nos elevam e engrandecem, que induzem ao bem e ao bom?

A exemplo, se pudéssemos ser as palavras que pronunciamos, quão interessante seria sermos ‘Alegria’, a ponto desta palavra aproximar e impregnar aqueles que de nós se aproximam?

Outras palavras, por sua vez, são o oposto, e nos amesquinham, reduzem, diminuem. São levianas, fúteis, de força negativa. Se delas nos apoderarmos, também nós transpareceremos maus sentimentos e atitudes, sentindo o seu peso.

À primeira vista, parece ser fácil sermos magnânimos de espírito e sentimentos e transparecermos estes valores através das palavras. Ocorre que, talvez nem tenhamos ciência de qual palavra nos representa, aquela que proferida nos caracteriza aos olhos dos outros.

Viver de forma concreta uma palavra, exige conscientização, coragem, persistência, vivência, atitudes.

Mas então, qual é a minha palavra? Transpareço-a em minhas atitudes?

**“Procuro sempre, e minha procura ficará
sendo a minha palavra.”**

Carlos Drummond de Andrade

AMAR E PERDOAR

Quando não há compaixão ou mesmo um gesto de ajuda, o que pensar da vida e daqueles que sabemos que amamos?

Quem pensa por si mesmo é livre e, ser livre, é uma coisa muito séria, diz Renato Russo em ‘L’aventura’.

Muito profunda esta afirmação do Renato, que nos deixou precocemente e, sem a menor dúvida, suas letras e músicas teriam penetrado na terra fértil de muitos corações jovens que o admiravam, produzindo muitos frutos bons e de agradável sabor.

Não são precisas muitas palavras para transpor barreiras: por vezes uma basta: o amor. E ele deixou subsídios através de suas músicas: “Amar não é coisa fácil. O amor verdadeiro se traduz em atos e ações”.

Bonitas palavras, declarações amorosas, mimos artisticamente embalados, são gestos que fazem bem, são talvez a antessala do amor.

Amar mesmo é você ser capaz de tirar parte do que é seu e dá-lo a quem lhe estende a mão, dar parte do seu àquele que o olhar com olhar suplicante; ajudar aquele ancião que não tem o suficiente para comprar o medicamento; ajudar, com seu agasalho, aquele mendigo que tiritava de frio ao relento.

O amor ao próximo deve ser sincero e universal. Em Mateus, Jesus nos diz: “Amai vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos perseguem ou vos maltratam.” E ainda: “Se perdoardes aos homens suas ofensas, o Pai celeste também vos perdoará.”

Renato Russo, referia que: “Triste coisa é querer bem a quem não sabe perdoar.” Talvez ele não devesse ter dito que amar a um desa-

feto é coisa triste, porque o amor transpõe barreiras e nada impede que toque um coração endurecido.

Eu penso que amar a quem não sabe perdoar é um gesto de generosidade, superação, fortaleza, amadurecimento, até heroísmo.

Ao que não sabe perdoar resta muito a aprender. Precisa dominar o orgulho, exercitar a humildade, refletir e, quiçá, pedir ajuda.

Os caminhos da vida já não são fáceis de serem trilhados. Com o fardo do não perdão, do desamor, do rancor, do ódio, a pessoa se torna amarga e infeliz.

Nem todas as pessoas tem grandeza de espírito e generosidade de coração.

É de se perguntar: seria capaz de perdoar sem guardar mágoa? Não é fácil livrar-se do ressentimento e do rancor.

O apóstolo Paulo diz em sua carta aos Romanos, “Abençoai os que vos perseguem, não pagueis o mal com o mal, não vos vingueis...”

A ira cabe a Deus, que fará justiça.

QUANTO CUSTA UM ABRAÇO

Para a pequena Raissa Victória, de quatro aninhos, portadora de epidermólise bolhosa, um talvez possível abraço após o tratamento nos Estados Unidos, custa a bagatela de três milhões e trezentos mil reais.

Para nós de coração sadio, alegre e feliz, abraçar não custa nada.

É um gesto simples e generoso carregado de sentimentos, o gesto mais simples de sentir o outro.

Dado com amor, o abraço é um ato completo que penetra no fundo do ser, nos emociona, renova o espírito, minimiza carências, ajuda curar depressões, tristezas e mágoas.

No abraço, as emoções falam o que as palavras não conseguem dizer. O abraço dado com carinho completa com o olhar, o sorriso, o beijo.

Abraçar é dizer ao outro: estou aqui para te ajudar, te encorajar, te fazer sentir o quanto te quero bem, o quanto desejo que sejas feliz.

Em geral abraçamos quando precisamos extravasar alegria, quando estamos tristes e quase pedimos: abraça-me, preciso de ti para me erguer e encorajar.

Em qualquer situação boa ou ruim, um abraço é sempre bem vindo, é reconfortante, consolador, solidário.

Nobre é o abraço do perdão. É um gesto que vem de Deus.

Abraçar faz bem à saúde, reduz o stress, a ansiedade e aumenta a felicidade e o bem estar.

Quanto mal existe ao nosso redor causado pela falta de um aperto de mão ou de um abraço amigo.

Por vezes sentimo-nos vazios por dentro, o que poderia ser preenchido com os benefícios portadores de amor e paz de um abraço afetivo.

O melhor lugar do mundo é dentro de um abraço, canta a banda Jota Quest.

Infelizmente o abraço não é tão comum e fácil de ser dado.

Exige generosidade, nobreza de alma e vontade, sentimento de doação e bem querer.

De uma coisa estou certa: receber um abraço carinhoso faz muito bem.

Se a pequena Raíssa não recebeu e experimentou ainda o poder e a força do abraço dada à sua fragilidade física, poderá receber muitos abraços afetivos dados pelas pessoas que com ela compartilham suas limitações.

Unimo-nos a seus pais e amigos, num abraço coletivo de carinho, amor e apoio.

Quiçá, muito breve, este anjinho de corpo chagado possa receber o verdadeiro abraço de quantos convivem com sua dor.

BRAÇOS QUE ACOLHEM

Em Pirangi, município de Parnamirim, no Rio Grande do Norte, existe um cajueiro que já foi registrado no *Guinness Book*, o livro dos recordes, por ser o maior do mundo.

A árvore cobre uma área de aproximadamente 8.500m². Foi plantada em 1888 por um pescador. Seus galhos, ao invés de crescerem para o alto, se expandem para os lados. Com o tempo, por causa do peso, baixaram-se até o solo, onde começaram a criar raízes e passaram a crescer novamente como se fossem uma nova árvore.

Este cajueiro produz, na safra, de 70 a 80 mil cajus, o equivalente a 2,5 toneladas, frutos estes colhidos pelos turistas que o visitam. Suas raízes alcançam dois metros de profundidade e o tronco principal, que cresceu para o alto, atinge de 20 a 25 metros de altura.

Trouxe este fato porque vi nele muita semelhança com o Clube Juvenil.

Criado há cem anos, não cresceu para cima, onde seria apenas visto e admirado, mas estendeu seus longos braços para os lados, alcançando, abraçando e atraindo para sua benfazeja sombra, milhares de associados (hoje, aproximadamente 14.000) que aqui vem para usufruir de seus inúmeros benefícios de cunho social, esportivo e cultural.

O Clube Recreativo Juvenil produz, igual ao cajueiro de Pirangi, muitos e agradáveis frutos que por tantas pessoas são colhidos e a tantos satisfazem.

Desde o mês de setembro de 2013, mais precisamente no dia 11, o Clube Recreativo Juvenil incorporou diversas novas atividades, voltadas ao público da terceira idade.

Presentes membros das diretorias, do Clube Recreativo Juvenil Terceira Idade (CREJUTI) e o Departamento Cultural (DC), fomos solenemente recepcionados, nós, provenientes das Oficinas Literária e Dialogando Emoções, e dos Grupos de Dança Chinesa e Bem-Viver, vindos de outra instituição.

Aqui, onde tão carinhosamente fomos acolhidos, queremos viver, até com maior intensidade, a união, a amizade, a troca de ideias e experiências, o dar e receber que nos torna cada vez mais jovens. Em nosso convívio, revivemos, reamoçamos, despertamos dotes adormecidos ou nunca descobertos em nós, recarregamos energias, rimos e choramos e aprendemos muito da verdadeira sabedoria, própria das pessoas de idade mais avançada.

Vocês, do Clube Juvenil, não tem a exata noção do quanto a nobreza deste gesto de acolhida representa e nos cativa.

Sentimo-nos valorizados, importantes e, acima de tudo, imensamente agradecidos.

Queremos colaborar na produção de frutos deste imenso cajueiro humano e impregnarmo-nos de seu espírito altruísta.

BEM-ME-QUER, MAL-ME-QUER

Quem quando criança ou mesmo adulto não desfolhou, uma vez ao menos, as pétalas da branca margarida ou da calêndula amarelinha, naquele doce bem me quer, mal me quer, até ficar só com a haste e o miolinho desnudo nas mãos?

Nós colhíamos punhados de flores e, sentados em alguma sombra, fazíamos apostas para ver o que daria ao arrancar a última pétala.

A inocente criança que trazemos em nós, emerge, por vezes, do nosso ser embora adulto e sisudo.

Ainda hoje sinto vontade de fazer isto, só mudaria a cantilena. Diria talvez, vou, não vou..., quero, não quero..., faço, não faço..., sei, não sei..., digo, não digo....gosto, não gosto... .

E alguém haveria de se importar com o que gosto ou desgosto, mesmo que ande só ao redor da praça, passos lentos parando a cada pouco e falando sozinha: gosto, não gosto..., gosto, não gosto..., dando uma risadinha ao tirar a última pétala e tomando outra flor da sacola que carrego aos ombros?

Coitada, está caducando, poderia pensar ou dizer alguém.

Mas sem fazer teatrinho extra, vou ficar no gosto, não gosto...

Gosto de muita coisa, por exemplo, da brisa fresca da manhã. No entanto, odeio o calor ardente que faz suar por todos os poros, causando mal estar.

Gosto da revoada dos pássaros ao amanhecer e entardecer do dia, mas andar pelas ruelas da praça repletas de excrementos e sujeita e ser atingida por uma descarga fétida, não, gosto não!

Adoro as alegres reuniões de jovens, adultos, famílias, vizinhos... que ao entardecer tomam chimarrão nos bancos da praça, conversam, riem, andam de skate e se recolhem ao anoitecer. No entanto, muitos jo-

vens, vindos sei lá de que canto ou bairro da cidade, desconhecem limites de direitos e deveres e passam a madrugada inteira até raiar o dia e brilhar o sol, em altas conversas, gritos, bebedeiras e sei lá o que mais, sem se importar que nos arredores residem centenas de famílias, muitas crianças e idosos, pessoas com direito a uma noite tranquila de sono e descanso, para, no dia seguinte, retornar ao trabalho com o ânimo renovado.

Acho isto um problema de difícil solução e não gosto mesmo. Considero um desrespeito.

Gosto e é extremamente necessária a comunicação entre as pessoas, mas, cá entre nós: se andarmos pelas ruas, observando e prestando um pouco de atenção, veremos grande número delas caminha, entra em lojas, bancos, repartições públicas, falando ao celular, passando ou recebendo ordens, conversando com amigos, mas poucos param para conversar com pessoas.

Você anda e percebe alguém atrás de si que conversa, ri, discute. Reduz o passo para este alguém passar e ele fala sozinho. Parecem robôs apenas com um andar mais humanizado.

O ato de andar, mesmo a serviço, era um descanso; hoje é um stress duplicado.

Andar pela rua está sendo um problema. Ninguém o vê, você não vê o outro. Não há mais espaço para um cumprimento, um abraço, um oi, um sorriso.

Se o pequeno aparelho celular representa um avanço tecnológico, não deixa de escravizar o ser humano.

Seu uso virou vício, mania, faz tudo.

E eu que gosto e desgosto, quero e não quero, faço e não faço, digo ou não digo, continuo desfolhando a bela margarida, dia após dia, porque a brisa soprará em todas as manhãs, o sol seguirá transmitindo luz e calor, os pássaros partirão diariamente em suas alegres revoadas e os jovens, ah... os jovens, queira Deus tenham a cada dia mais alegrias e motivos para viver.

FAZER NADA

Acordo. Sento na cama e meu primeiro pensamento deveria ser um “obrigado” à vida. Mas não. A primeira coisa que faço é pensar no que devo fazer hoje. Uma agenda no lugar da alma...

Abro a janela: o céu azul, árvores floridas, pássaros voando convidam-me a fazer nada, a fazer como as plantas que florescem porque florescem e alegram, embelezam, perfumam.

Seria bom fôssemos como elas, que nossas ações fossem um transbordar de vitalidade, uma explosão de beleza que cresceu por dentro e não mais pode ser contida.

No entanto, não vivemos no paraíso, não temos o direito de viver por prazer. Os deveres nos esperam e, ‘oxalá’ tivéssemos sempre o prazer no cumprimento de nosso dever.

Em geral nossos deveres estão voltados para os outros. Muitas vezes é preciso listá-los na agenda para não serem esquecidos. A agenda, o telefone, o computador, as tarefas diárias absorvem-nos.

O importante, no entanto, é que cumpramos com prazer nosso dever, pois nunca fazemos só o que gostamos. A vida nos obriga a fazer muitas coisas desagradáveis, a engolir sapos.

A felicidade é feita de momentos que acontecem no dia-a-dia.

Felicidade, diz Rubem Alves, é fruto na beira do abismo. É preciso colhê-lo e degustá-lo agora. Amanhã, ou ele já caiu, ou você já tombou...

Fazer nada, sentado à sombra do ipê florido, ouvindo a música dos pássaros, desligado de obrigações e em contínua felicidade e bem

estar, era o projeto inicial do Criador. Não soubemos desfrutar desta dádiva e Deus disse ao homem, ao expulsá-lo do paraíso: comerás o pão com o suor do teu rosto.

Fazer nada não é mais o nosso privilégio, mas convém ter a mente e o coração voltados para o ipê florido que nos oferece sombra, beleza, perfume; ele que não perdeu as prerrogativas da criação.

RASGO NO BOLSO

Rubem Alves é um escritor diferenciado, imaginativo, criativo, profundo, realista.

Conhecendo intensamente Guimarães Rosa, do jeito como ele foi mesmo, nos sertões de sua alma, Rubem diz que a sabedoria dele, do Guimarães, é bruta, fala sem explicar, pois as explicações são inúteis e, que cada coisa dita por este referido escritor, o fazia estremecer.

E o jagunço Riobaldo, como era chamado Guimarães Rosa, doutor na vida, revela o lugar onde Deus nasce.

Tudo começa nesse lugarzinho dolorido, centro do mundo, chamado “eu”.

Quando criança, com ideias de criança, o “eu” reinava soberano. Crescemos, nos tornamos adultos, as ideias amadureceram e continuamos a falar “eu”, a ser o mesmo “eu”.

E Rubem Alves conclui que o “eu” é um bolso que o corpo carrega. Bolso é um espaço vazio.

Toda criança precisa ter um bolso em sua roupa. Ali ela põe o bico, brinquedos, bugigangas, balas...

A medida que vai crescendo, substitui uns guardados por outros objetos de estimação. Os objetos mudam mas o bolso continua o mesmo.

E neste bolso guardamos ideias, aflições, perguntas, desejos, perdas, enganos, decepções, esperanças e de tanto guardar, acalcar, substituir, num belo dia este bolso vai rasgar e tudo o que estava guardado vai escorrer pelo buraco aberto no bolso e se perder. Esse buraco no bolso é a morte.

Tudo o que a gente ama vai escorrer pelo buraco do bolso. Nesse bolso também mora uma chama que arde sem parar, como um círio numa catedral em ruínas.

É a chama do amor. E o amor não aceita a perda das coisas amadas. Tudo o que é amado o coração quer que seja eterno.

Com Deus existindo, tudo dá esperança. Rubem diz que Deus é a esperança que o amor inventa para não perder a alegria.

Importa cuidarmos para que a chama que arde em nossa catedral arruinada, o nosso corpo, jamais se apague.

RIA DE SI, SE PUDER

Era cedo de uma manhã chuvosa, primeiro dia do outono, prenúncio talvez de uma estação fria antecipando o inverno rigoroso.

Na soleira de um prédio estava ele sentado, tendo ao lado um saco preto dos que costumam ser usados para descartar lixo. Pela aparência do cara ali sentado, este saco preto devia conter seus pertences: umas peças de roupa mal lavadas – se lavadas, um cobertor velho e um pedaço de plástico, os quais estenderia à noite para dormir.

Quem sou eu para fazer este juízo se o saco estava fechado?

Era um indivíduo relativamente novo, mal vestido, cabelos e barba longos, magro, moreno. Feições bonitas se tivesse o cuidado devido.

Passei por ele, fui ao mercado e voltei. Pouco depois saí novamente, passando por ele na ida e na volta. Ele permanecia no mesmo lugar e na mesma posição.

No entanto, havia algo estranho naquele rosto sofrido: o homem ria. Por vezes baixo e, a seguir, dava discretas gargalhadas.

Ali por perto nada havia que o movesse a isso, mas ele ria.

Do que haveria de rir? Da própria sorte? Da vida que tudo lhe negara? Da falta de afeto da família? Da sociedade que o marginalizara? Da dor da fome que lhe comprimira o estômago ou da felicidade de, ao abrir lixeiras, deparar-se com quantidades de alimentos jogados das mesa dos mais afortunados?

Não sei, mas ele ria, ria muito, ria de si.

É uma virtude rir-se. Ele podia estar rindo não de alegria, já que o riso é a expressão da alegria, mas porque a fome, a droga, a bebida,

o sofrimento lhe tenham afetado as faculdades mentais. Ria de seu infortúnio.

Nós que temos, não digo tudo de que necessitamos, mas até mais do que isso, por vezes, ao invés de nos mostrarmos felizes e agradecidos, reclamamos da sorte e invejamos a quem julgamos ter melhores condições do que nós.

Rir é uma excelente qualidade. É tão mais inteligente e simpático rir do que andar de rosto e coração fechados, de mal consigo e com o mundo.

Ria, ria de si, se puder.

CAMINHANTE, NÃO HÁ CAMINHO...

Nesta vida, todos somos caminheiros. Cada qual tem seu caminho a percorrer, suas marcas a deixar que confirmam sua passagem por aquele caminho.

“Nunca ande pelo caminho traçado, pois ele conduz somente até onde outros foram”, disse sabiamente Alexander Gramh Bell.

Antonio Machado, citado por Rubem Alves no livro *Desatando Nós*, ferido pela dor do caminho, assim se expressa: “Caminhante, não há caminho; se faz caminho ao andar.”

Nem sempre o caminho escolhido é o certo, o que conduz a um bom termo. Nem sempre fazemos boa escolha. Caminhos largos e ensolarados podem nos trair.

“Não há estrada real para a felicidade, mas sim caminhos diferentes. Há quem seja feliz sem coisa nenhuma, enquanto outros são infelizes possuindo tudo”, diz Luigi Pirandello.

Caminhos estreitos, pedregosos, íngremes é o que mais há e parecem ser os que mais se aproximam da realidade da vida.

O grande Kahlil Gibran assim se expressa: “Quando o amor vos fizer sinal, segui-o, ainda que os seus caminhos sejam duros e escarpados. E quando as suas asas vos envolverem, entregai-vos, ainda que a espada escondida sob sua plumagem vos possa ferir.”

Um texto judaico, assim reza: “Covarde é aquele que não abre novos caminhos na vida, nem emprega suas forças para enfrentar os obstáculos.”

Por vezes seguimos caminhos largos e fáceis e nos alegramos

por havê-los encontrado. No entanto, Paulo Coelho adverte: “Uma coisa é achar que está no caminho certo, outra coisa é achar que seu caminho é único. Quando uma pessoa encontra seu caminho precisa ter coragem suficiente para dar passos errados. As decepções, as derrotas, o desânimo são ferramentas que Deus utiliza para nos mostrar a estrada.”

O importante é seguirmos sempre, sem parar, sem olhar para trás e sem invejar o caminho dos outros, pois é tempo de travessia e se não ousarmos fazê-las ficaremos sempre às margens de nós mesmos.

“Os nossos caminhos são inumeráveis, mas incertas são as nossas estadias.” – Saint John Perse.

Caminhemos, pois, com os olhos fitos na luz que ilumina nossos passos.

“Sou uma pessoa feliz.

Amo muito a vida

E dela sou aprendiz;

Tenho várias paixões,

Mas, como qualquer um

Possuo imperfeições.

Se os caminhos desta vida

Ainda não sei de cor,

Pelo menos busco,

A cada dia,

Tornar-me alguém melhor

(Dennys Távora)

OLHE MINHAS MÃOS

Um sacerdote recém ordenado foi nomeado auxiliar do pároco numa grande comunidade católica.

Assim que chegou, cumprimentou o pároco, apresentou-se e recebeu a primeira tarefa: acompanhe esta senhora até sua casa e atenda seu esposo que se encontra acamado e muito agitado. Passou às mãos do recém chegado a estola e a água benta.

Assim que chegaram à casa, dirigiram-se, de imediato, ao quarto do doente. Logo que este viu o sacerdote, apresentou-lhe as mãos, dizendo: Padre, veja minhas mãos. O recém chegado tomou as mãos nas suas, olhou-as, revirou-as e disse ao enfermo quão bonitas eram suas mãos, de quem deve ter trabalhado bastante.

Não contente com a resposta o doente pediu que as olhasse de novo e, muito bem. O padre retomou-as um tanto constrangido, examinou-as cuidadosamente e disse: nada vejo nelas que me chame a atenção. E depositou-as sobre o peito do doente. Este confirmou: Realmente, nada há nelas, estão vazias e é isto que tanto me inquieta. Estou às portas da morte e nada tenho para apresentar ao Senhor.

Fui agraciado pela sorte, acumulei muitos bens materiais. Quando me aposentei passava os dias em bares, clubes, casas de jogo... Nada fiz em benefício do próximo, vivi para mim mesmo e cá estou, de mãos vazias. E pôs-se a chorar.

Pouco tempo após, veio a falecer.

Esta confissão marcou a primeira atividade deste neo-sacerdote. A lição calou nele e o acompanhou e acompanha até os dias de hoje,

com quase cinquenta anos de ministério sacerdotal. Suas mãos devem estar repletas, bem como seu coração, pois é muito dedicado ao pastoreio do rebanho a ele confiado.

Grande lição para quem ouviu este relato, contado por ele próprio. Se nossas mãos não estiverem cheias de boas ações praticadas, há ainda tempo. Há tantos necessitados de nossa ajuda e de nosso afeto.

E assim, quando o Senhor nos chamar, possamos apresentar-nos tranquilos, com as mãos, o colo, o coração cheio do bem por nós praticado. E o Pai que valoriza o menor ato, um olhar, um sorriso, uma boa palavra dados com amor, nos recompensará eternamente.

JANELA ABERTA

Seis e trinta. A manhã fria, lentamente acorda. O céu vestiu pesadas nuvens em tons cinza, salpicadas por flocos esbranquiçados que, aos poucos vão se alongando em tiras disformes, cobrem o azul do céu, separando-nos do sol que sem se importar com a cor e espessura das nuvens, chega deixando poucos de seus raios penetrarem nas nuvens menos densas, como para dizer: estou aqui!

Junto ao horizonte, nuvens avermelhadas prenunciam a proximidade da chuva.

Um dia como tantos outros, diríamos. Mas não.

Este cenário grandioso que nos cobre, jamais se repetiu desde a criação do mundo e jamais se repetirá, independentemente de quantos milhares de séculos o mundo venha subsistir.

É a magnitude da criação, a onipotência do Criador.

E a natureza que nos cerca em seus intermináveis tons de verde, segue obediente às ordens do Criador, quais sejam, de reproduzir-se, manter-se viva, alegrar...

Se realmente soubéssemos ver e admirar a natureza que, embora mal cuidada por nós, se renova a cada dia, revestindo-se de diferentes roupagens conforme o clima e a estação do ano, entenderíamos que é a continuidade do Éden, jardim que foi criado para abrigar a obra máxima da criação: NÓS, os seres humanos.

E, presenteados por tamanha maravilha, reclamamos do calor do sol, da intensidade do frio, do vento e da chuva, da monotonia dos dias, reclamamos de tudo. Somos eternos insatisfeitos, mesquinhos e egoístas.

Da janela de onde, pela manhã, eu vira o firmamento e, da copa das árvores, saírem milhares de pássaros em revoada como que levados pelo vento, agora, após um dia chuvoso e frio, algo me chamou atenção. Sobre as árvores desprovidas de folhas e no emaranhado dos ramos secos das três-marias, havia um número incontável de flocos como que de algodão.

Não consegui distinguir o que era, só sei que antes não havia aquilo. Fiquei a olhar, olhar... Eram pássaros de retorno do dia passado em outras ramagens, e que pousavam nos poucos espaços que sobravam.

Caía uma chuva fina e fria, mas eles haviam marcado encontro ali para um bate papo ou planeja o próximo dia, ou, simplesmente, para criar um novo e irrepetível cenário.

Afastei-me por um instante da janela e, ao retornar, todos haviam se recolhido sob a copa das árvores, para o merecido descanso.

E nós, criaturas inteligentes, preocupados com os valores materiais, não nos damos conta da constante renovação da natureza, de tudo o que nos cerca e de nossa própria mutação.

“No gesto de amanhã, nem eu serei o que sou hoje; serei outra como o meu gesto” – Elisa Lucinda.

É bom, seguidamente olhar pela janela aberta e admirar o quanto de belo a vida tem a nos oferecer.

JANELAS ILUMINADAS

Noite dessas, da sacada do apartamento em que resido, olhava a porção da cidade que dali avisto.

Diferentemente das vezes que faço isto, a visão que tive deste quadrante da cidade, estava diferente.

Havia muitas janelas iluminadas, prédios inteiros iluminados. Deu-me a impressão de que todos os moradores, combinados entre si, estavam com as luzes acesas, naquele horário previamente estabelecido.

Janelas de todos os tamanhos, luzes brancas, amareladas, mais intensas, mais fracas. Chamou-me a atenção e aí fiquei a olhar e a imaginar.

Quem moraria em cada apartamento? Que estariam fazendo? As crianças brincariam sobre os tapetes ou assistiriam a um programa infantil.

Os jovens, provavelmente estariam na faculdade ou fazendo deveres escolares, quando não trancados no quarto ocupados com o celular ou computador.

As mães, ocupadas em desfazer a mesa do jantar, pondo ordem na cozinha, planejando o novo dia.

Os pais? Estes descansando dos afazeres do dia, embora as mães também precisem de descanso, dada a dupla jornada da maioria delas.

As preocupações com a família, com o trabalho, com as finanças, tomam vez.

É no silêncio da noite que tanto o pai quanto a mãe se preocupam com a sorte dos seus filhos e buscam soluções.

Onde andarão eles, na escola ou na rua, com que companhias, fazendo o que? E se estão em casa, por que preferem ficar sós, trancados no quarto, esquecidos do convívio familiar e de seus deveres de filhos?

Outra preocupação que martela forte a cabeça dos pais que estão no interior daquelas salas iluminadas, é o fator econômico. Mês após mês as despesas da família crescem; não que comprem mais, não. É a inflação que caminha a passos longos e rápidos. Tudo sobe, tudo cresce, menos o salário que fica cada vez mais distante e diminuto.

Aí, pai e mãe, que estão naquela sala iluminada, refazem o orçamento, cortam aqui e ali, escrevem e reescrevem e a preocupação vira vulto.

Apagam as luzes por necessidade ou economia, tomam um banho rápido e vão repousar.

E então, volto a olhar para os prédios agora com poucas janelas iluminadas. A cidade dorme e, com ela, dormem os pais e filhos que moram naqueles apartamentos de janelas antes iluminadas.

Amanhã será um novo dia, um novo recomeço para eles e para a pequena chama da esperança, que também mora com eles naquelas janelas iluminadas.

A LIÇÃO DO PINHEIRO

Sou apaixonada pela natureza. Os infinitos tons de verde, o formato diferenciado de cada folha, a imponência das árvores, a perfeição das minúsculas florzinhas..., tudo, tudo me causa encantamento.

A natureza é uma grande prova de amor do Criador para com sua criatura. Para mim, a natureza é a sala de espera do céu.

No entanto, em meio a toda essa variação de espécies, uma me cativa de modo especial: o pinheiro.

Ele cresce reto, esbelto, imponente. Sobressai-se às demais árvores como para mostrar que acima delas há mais espaço para conquistar. As intempéries do tempo não o afetam. Enquanto a maioria das árvores perdem as folhas no outono, a geada seca as pastagens, tudo parece morrer, o pinheiro continua verde, impávido...

Dele podemos tirar importantes lições de vida.

Ser pinheiro, na vida, é não se entregar por pouca coisa, é ser capaz de conservar o otimismo no fracasso, ser alegre no desprezo, saber aceitar uma crítica sem se abalar, superar o ódio, não aceitar ser igual aos outros, mas querer crescer sempre mais, buscar novos horizontes, conquistar espaços, buscar novos conhecimentos e não se contentar com a mediocridade.

A natureza que nos cerca é para nós uma lição de humildade, de superação, de otimismo, de confiança e de força.

Sejamos pinheiros, raros e imponentes.

Cresçamos, não para ser vistos, mas para enxergar melhor.

AFINIDADE

É um dos poucos sentimentos que resistem ao tempo.

Afinidade é o mais sutil, delicado e penetrante dos sentimentos.

É o mais independente, também.

Não importa o tempo, a ausência, os adiantamentos, as distâncias, as impossibilidades.

Quando há afinidade, qualquer reencontro retoma a relação, o diálogo, a conversa, o afeto, no exato ponto em que foi interrompido.

Ter afinidade é muito raro, mas quando existe não precisa de códigos verbais para se manifestar.

Existe antes do conhecimento, irradia durante e permanece depois que as pessoas deixaram de estar juntas.

Afinidade é ficar longe, pensando parecido, pensando nos mesmos fatos que impressionam, comovem ou imobilizam.

É receber o que vem do outro, com aceitação anterior ao entendimento.

Afinidade é sentir “com”, não é sentir contra, nem sentir para, nem sentir por, nem sentir pelo...

Sentir “com” não é ter necessidade de explicar o que está sentindo, é olhar e perceber.

É mais calar do que falar, jamais explicar, apenas afirmar.

Afinidade é ter perdas semelhantes e iguais esperanças... é conversar no silêncio, tanto das possibilidades exercidas quanto nas impossibilidades vividas.

Afinidade é retomar a relação no ponto que parou, sem lamentar o tempo da separação porque tempo e separação nunca existiram, foram apenas oportunidades dadas ou tiradas pela vida.

INDIFERENÇA ÀS DIFERENÇAS

Ouvi nesta semana a expressão acima e digo que não prestei atenção ao que se seguiu, pois esta afirmativa fez-me desviar o foco da conversa.

Indiferença é a negação da diferença. É um entrave muito sério a uma vivência fraterna e amigável.

E pensar que não há duas pessoas iguais, que somos únicos.

Por vezes nos parecemos fisicamente com alguém, num todo, mas cada parte do físico comparado ao do outro, é desigual. Isto sem comparar os dons, aptidões, temperamento, desempenho dos sentidos, da fala, da memória...

E é nesta desigualdade toda que reside a beleza da vida.

Se em alguns aspectos temos direito à igualdade, em outros temos o mesmo direito de sermos diferentes.

Lutamos pela busca da igualdade ao mesmo tempo que reivindicamos o direito às diferenças.

Contudo, se temos o direito de reclamar igualdades e diferenças, o mesmo não ocorre com as capacidades e dons existentes e desenvolvidos em cada um. É a estas diferenças que não podemos ficar indiferentes. Devemos respeitar todas as pessoas, suas capacidades e a forma de elas externarem seus dons, sua maneira de ser e agir.

Elas, as pessoas mais dotadas, com maiores oportunidades na vida, com mais visão, mais desenvoltura, não podem menosprezar as pessoas que, com ou sem culpa, não desenvolveram suas aptidões tanto quanto aquelas e serem por isso deixadas à margem.

Acontece, no entanto, com certa frequência e facilidade, haver atos discriminatórios e as pessoas sentirem esta rejeição.

O egoísmo, as injustiças sociais, o grau de instrução, raça, cor, posição social e até a religião, por vezes criam abismo intransponível entre os humanos.

No mundo somos iguais e diferentes, mas não temos o direito de sermos indiferentes.

A indiferença é o instrumento dos fracos, unida ao medo da vida que a todo instante nos coloca frente a decisões e envolvimento.

A indiferença mata sem matar e é uma cruel agressão.

O fator diferença anda com uma percentagem bem elevada em todos os meios sociais. Dificilmente alguém poderá afirmar que não discrimina alguém, que aceita integralmente a todos com sua carga diferencial.

Encontrei na edição especial da Revista Época, nº. 826, do mês de março de 2014, uma afirmativa de Giorgiana Guinle, que diz de seu pai Jorginho Guinle, o playboy mais famoso do Brasil: “Ele nunca diferenciava as pessoas. Tratava os garçons e as celebridades de maneira igual. Não tinha inimigos, só invejosos.”

Este tema “Diferença e Indiferença”, complexo e de difícil prática e vivência, mereceria um estudo aprofundado já que constitui o dia a dia de nossa vivência em todos os setores da sociedade.

Sobre o assunto, o grande estadista e imortal, Rui Barbosa, nos deixou praticamente um quebra cabeça, ao dizer:

“A regra da igualdade não consiste senão em aquinhoar desigualmente aos desiguais, na medida em que se igualam. Nessa desigualdade social proporcionada à desigualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da igualdade. Tratar com desigualdade a iguais ou a desiguais com igualdade seria desigualdade flagrante e não igualdade real.”

UMA BARRAQUINHA PARA MIM

Ele tomou consigo Pedro, Tiago e João e levou-os para uma alta montanha e ali transfigurou-se diante deles. Repentinamente, suas vestes ficaram brancas como a neve e apareceram-lhe Moisés e Elias que conversavam com Ele.

Atônitos, os apóstolos nada entendiam daquela transfiguração. Pedro, o mais destemido, falou ao Mestre: É bom ficarmos aqui. Fazamos três tendas, uma para Ti, outra para Moisés e outra para Elias.

Tão maravilhados e assustados estavam que esqueceram da tenda para eles.

Gostei da ideia: quero uma tenda para mim, pequena e aconchegante, ao pé daquele morro na encosta da Mata Atlântica, na Praia de Bombas, Santa Catarina, entre a grama verde e as primeiras árvores. Lá escondidinha.

É um lugar perfeito. A natureza é de uma exuberância total: palmeiras diversas, pitangueiras, ariticunzeiros, bananeiras em plena produção, jabuticabeiras, sem faltar o majestoso flamboyán com algumas flores dispersas em seus ramos e muitas, muitas outras espécies, além de orquídeas abraçadas aos troncos das árvores.

Os pássaros fazem festa direto junto a esta exuberância.

Jamais havia sido acordada pela manhã ao canto estridente das saracuras sob a janela do quarto.

Veza que outra, surge uma borboleta grande, de um azul estonteante contrastando com os infinitos verdes. Dá uma revoada e some. Eu lhe garanto, disse a poetisa Cecília Meireles, que não existe visão de outro mundo que se compare, em beleza, à asa de uma borboleta.

Ao lado da casa, um enroscado de galhos, cipós, flores e pitangueiras, os beija flores não cessam de voar de galho em galho, flor em flor, com a leveza e a velocidade que lhe são características.

Saindo pela porta dos fundos, você se depara com um canteiro de ervas para chás úteis para qualquer mal estar que possa sentir.

O capricho e o gosto pela natureza fizeram do seu Edison e da dona Neidi, parte inseparável deste recanto abençoado.

Sabem o nome de todas as espécies vegetais que ali se encontram.

Se eu morasse naquela tenda imaginária onde o canto das saracuras faz eco na montanha, vez por outra daria uma escapadela até a mini praia de Lagoinha, encantadora, onde enormes pedras se postam à beira d'água, como guardas vigilantes. A faixa de areia é bem estreita e os visitantes, assim que chegam, descem à água onde os esperam quantidade incontável de peixes listradinhos que fazem a alegria dos visitantes extasiados.

É muito lindo e desestressante este lugar.

Percorrendo estas costas onde a natureza não poupou arte e gosto, cada vez mais me conscientizo de que a natureza é o que de mais belo existe e seu Criador a fez exclusivamente para alegria e desfrute do ser humano.

Se todas as pessoas soubessem admirar as infindas belezas da criação, haveria mais paz, amor, tranquilidade entre os humanos.

PARABÉNS

Congratulo-me! Felicito-o pela conquista!

Começo e fim de ano são épocas em que mais se atribuem felicitações, em que mais se realizam conquistas, se concluem etapas, se atingem objetivos, se concretizam sonhos.

Época em que nos congratulamos com parentes e amigos por metas atingidas, cursos concluídos, diplomas recebidos.

Em geral são jovens que, após longos anos de extenuantes esforços, noites mal dormidas, pesadelos em vésperas de provas, chegam ao término de longa caminhada e, numa festa há muito sonhada, recebem o prêmio merecido.

São jovens que, através de longos discursos de paraninfos, reitores e colegas, rememoram a trajetória percorrida, as alegrias repartidas, as lágrimas choradas, as amizades feitas...

A emoção é tanta que, neste momento, esquecem as pedras e espinhos pisados ao longo do caminho. Tudo é festa, alegria, lágrimas de emoção, felicitações, abraços, beijos e agradecimentos.

É noite para esquecer, para viver, para festejar. É noite para congratular, noite para jamais ser esquecida, porque é conquista, vitória, demonstração de seu próprio esforço e capacidade.

Parabéns, valorização em grau máximo aos pais, que em sua maioria, não mediram esforços para que seus filhos chegassem até este momento. Quantas economias, sacrifícios, renúncias...

Parabéns é uma palavra que faz bem e que não deve aplicar-se somente em casos de colação de grau, aniversário, festas...

Parabéns, eu me alegro com você que é eficiente e responsável em seu trabalho; com você que vence dia após dia as dificuldades de subsistência própria e de sua família; com você, pai e mãe de filhos adolescentes que, através da palavra e bom exemplo, conseguem que eles não enveredem pela trilha tortuosa do vício; com você, jovem, que sobrevive num mundo em que os valores da família são cada vez mais reduzidos, a corrupção agiganta-se, os meios de comunicação pouco trazem de positivo. Parabéns a vocês, jovens, que conseguem manter os valores morais.

Parabéns a vocês, idosos, alicerces profundos da formação de seus filhos e netos, escoras que fazem com que a construção suba reta e firme, âncora da leve embarcação nas águas agitadas da vida.

Enfim, parabéns a todos os que lutam, suam, sofrem, correm, caem e levantam, vencem...

A vida é uma luta renhida... mas vale ser vivida!

Parabéns!

PALCO CELESTIAL

Santa Cecília, a padroeira dos músicos, é a encarregada lá no céu, da programação e ensaio das serestas orquestradas pelos exímios músicos que um dia passaram entre os mortais e ora se apresentam diante da Santíssima Trindade, Maria e todos os habitantes da pátria celestial.

No entanto, dia destes, os membros deste deslumbrante grupo artístico, dentre eles Lupicínio, Gonzagão, Tom Jobim e Caymmi, fizeram um pedido à Cecília:

- Cecília, nossas canções e suas sinfonias são belíssimas, mas sentimos falta de algo. Achamos que Deus já as sabe de cor e gostaria de experimentar algo diferente. Poderíamos mudar um pouco, assim como fazem os humanos. Eles tocam e cantam vários ritmos, o que não cansa seus ouvintes e expectadores. Além de músicas, eles se dedicam à leitura, cinema, têm declamações de poesias, textos literários, apresentações teatrais, saraus; o que encanta o público e arrebatava cada vez mais admiradores da arte.

Santa Cecília achou a ideia genial e levou-a ao Pai, que a dividiu com o Filho e o Espírito Santo.

Aprovada por unanimidade, era preciso a presença de humanos experientes nestas áreas para organizar este novo ciclo de atividades, um festerê!

E foi assim que o bom Pai chamou para si o Ivan Junqueira, lá do Rio de Janeiro, onde exercia a função de jornalista, poeta, crítico literário e colaborador nas grandes enciclopédias como a Barsa e a Britânica. No dia 03/07/14, o Ivan, com oitenta anos, partiu para atender ao chamado do Pai.

Lá chegando, o Criador o recebeu com o sorriso mais doce possível, o abraçou e foi logo colocando-o ao par da razão do chamado, ou seja, organizar o festival de arte e cultura em que ele, Ivan, atuaria como peça fundamental. Autorizou-o a indicar, se necessário, nome de outros mortais que pudessem ser úteis nesta tarefa.

Ivan viu que era missão impossível para ele só, pensou um pouco e assim falou:

- Pai, há o João Ubaldo Ribeiro, jornalista, escritor, roteirista, membro da Academia Brasileira de Letras. Tem obras adaptadas para a TV e o cinema. Escreveu romances famosos como o Sargento Getúlio, Sorriso do Lagarto e Viva o Povo Brasileiro. É famoso e conhecido em todo o Brasil por sua presença no cenário cultural. Está com 73 anos.

Deus achou o currículo interessante e o chamou para si, no dia 18/07/2014.

Estavam agora em dois, mais Santa Cecília, sempre os acompanhando. Mas sentiram que ainda não possuíam todo o preparo para tamanho evento. Faltava alguém mais sábio, com uma bagagem de romantismo e poesia, leve e versátil.

Foi assim que o recém chegado, João Ubaldo, muito eufórico, teve brilhante ideia, e foram ter com Deus.

- Pai, lá em Campinas, São Paulo, vive um senhor de 81 anos, psicanalista, educador, teólogo e escritor. É autor de livros religiosos, educacionais, existenciais e infantis. É um dos maiores pedagogos de todos os tempos, um dos fundadores da Teologia da Libertação. É apaixonado pela existência. Vive e aproveita cada momento. Suas obras foram e são lidas por milhões de pessoas que o amam. É um cara simples, humano e tem um coração de ouro.

Com este rosário de elogios tecidos por João Ubaldo, o bom Deus ficou interessadíssimo, e perguntou:

- Quem é ele?

- Meu Pai, bem conheces o Rubem Alves. É ele.

Deus ficou feliz e estava com o problema quase resolvido. Pensou um pouco e, mesmo com dó de tirar do palco terreno tão grande gênio, mesmo que com idade avançada, achou que seu tempo e missão entre os mortais já estava cumprido e poderia receber a recompensa.

E um dia após a partida de Ubaldo em 19/07/14, Rubem atendeu ao chamado de Deus.

Ele que sempre imaginara Deus Pai muito sério e sisudo, foi recebido com o olhar terno e acolhedor e um abraço que o fez a criatura mais feliz da eternidade.

O Brasil chorou a perda de Rubem, mas o céu celebrou com júbilo sua chegada.

Agora estavam em três para a organização do evento. Mas, Rubem teve uma ideia e saiu-se com esta:

- Vejam; o Ariano ficou sozinho lá embaixo! Ele é grande dramaturgo, romancista, ensaísta, poeta. Tem 87 anos de excelentes obras dedicadas ao povo brasileiro, entre eles, clássicos como “O Auto da Compadecida”, que o popularizou como escritor e dramaturgo. Ele nos daria muitas ideias. Teríamos poesia, contos, teatro, TV, cinema.

E assim, foram ter com Deus novamente. O Pai, lógico, aceitou o pedido do grupo e trouxe Ariano Suassuna para si, em 23/07/14.

O quarteto estava formado!

Como quem passa ao plano superior não volta para contar como é e o que acontece, não se tem referências do sucesso deste festival de arte e cultura, sua realização, aceitação, novas edições... Nada...

Sobrou-nos a orfandade pela perda de personalidades de tamanha referência em tão curto espaço de tempo.

Esperamos o surgimento ou o reconhecimento dos novos Ivans, Ubaldos, Rubens e Arianos; para que venham recompor os cenários culturais desfalcados com a partida destes célebres.

“O poeta morre, mas se fizer uma coisa bonita ele fica. Todo artista busca a imortalidade por meio da arte. A arte é uma espécie de protesto contra a morte.” – Ariano Suassuna.

AS LIDUÍNAS DA VIDA

A Liduína a que se refere J.J. Camargo em seu artigo semanal na Zero Hora, intitulado “A parte de cada um”, estava ela no seu lugar, na hora certa, embora seu expediente já houvesse acabado naquele dia. Certa ela. Sabia da importância do seu trabalho e orgulhava-se de fazê-lo com o devido cuidado que um bloco cirúrgico merece.

Ela fazia tudo com amor. Este é o mais importante, o indispensável material de limpeza, o que elimina qualquer tipo de sujeira e em qualquer lugar que esteja.

E se todos os dias, Liduína estava lá para a limpeza e desinfecção após cada cirurgia, por que não estaria hoje em que é realizado o primeiro transplante de pulmão da América Latina?

Ela possuía a verdadeira humildade, reconhecia o quanto seu trabalho era importante e os médicos confiavam nela.

E ela estava lá e assistiu!

Todo trabalho, por humilde que seja, quando feito com amor, é tão ou mais importante do que o feito por qualquer graduado, que embora experiente e bem sucedido o faça vangloriando-se de suas capacidades e de sua graduação.

Felizmente encontramos muitas Liduínas em nossos caminhos, as quais atendem pelo nome de Lúcia, Maria, Flora, Joana... pessoas amadas, simples, generosas, despojadas, responsáveis, que por simples seja o seu trabalho o fazem com amor.

Outra lição que a Liduína nos dá é que devemos elogiar e valorizar quando as pessoas fazem seu trabalho bem feito.

É hábito tecer elogios nos atos fúnebres de quem falece.

Por que não elogiá-lo em vida, reconhecendo o bem por ele praticado? O elogio verdadeiro dado a alguém serve de estímulo e encorajamento e faz bem a quem dá e quem ouve.

Vivam e multipliquem-se as Liduínas da vida, porque não importa qual seja a tarefa dessas pessoas, importa que existem e estão por perto sempre que se precisa delas.

VEIA BAILARINA

O título deste livro de Ignácio de Loyola Brandão, não podia ter surgido numa hora mais imprópria, qual seja, minutos antes da cirurgia que tanto o atormentava.

Sua veia é bailarina, lhe disse a enfermeira que, pela sétima vez, tentara pegá-la para introduzir nela um pequeno cateter.

A imagem da veia bailarina que recusa a agulha, que tem vontade própria, o tranquilizou.

Achou poética e linda a gota de sangue que a veia tinha chorado.

Neste momento, nasceu a inspiração e ele fez um quase-romance após extirpado o mal que tanto o atormentara, um aneurisma cerebral. Ele ficou bom e prossegue fazendo o que mais gosta: escrever.

Mas, há por aí afora, um mal que pulula descontroladamente, sem ser reconhecido e receber o devido tratamento. É o aneurisma social, o cancro que corrói nossa sociedade.

Exemplo citado pelo escritor, é que, logo à saída do prédio em que Brandão residia, há uma pequena praça onde um grupo de mendigos dormia sobre papelões estendidos. Rostos macilentos, cabelos desganhados, roupas imundas. São sujos, fedem. Tem o corpo coberto por uma escama negra e suas unhas são garras.

Eles não têm aneurisma cerebral, pois se o tivessem já estariam mortos. São frutos do aneurisma social, do abandono, são um estorvo à sociedade que os evita e nem quer que se aproximem de suas residências, de suas vidas.

Hoje em dia, o aneurisma da ambição, do querer, do ter e do poder, está disseminado na sociedade.

Felizmente, ou infelizmente, esta bolha da ambição em muitas cabeças já estourou e o mal está feito: desvios, roubalheiras, corrupção, má administração pública, obras superfaturadas, aumento de impostos que recaem sobre a já sofrida população, esquecida em seus mais sagrados direitos à saúde, educação, habitação...

Assim como Brandão, que extirpou o aneurisma e ficou bom, é necessário que surjam especialistas que exterminem os inúmeros casos de aneurismas sociais que tomam conta da sociedade, em todos os setores, deixando-a insegura, intranquila, revestida de uma escama escura que, ao mesmo tempo em que visa sua proteção e defesa, constitui doença a ser combatida e curada em nossos meios.

UMA CIDADE, UMA PRAÇA, UMA ÁRVORE. A MINHA ÁRVORE

Sou amante da natureza. Tudo nela me fascina. Tudo é perfeito neste jardim maravilhoso, de matizes mil, obra do arquiteto maior.

Encantam-me as enormes árvores de longos ramos e copadas fartas, que produzem sombra, dão abrigo, além de lições de sabedoria como é o caso do ereto pinheiro. Inclino-me ante a relva com suas pequenas e delicadas florzinhas.

Elejo sempre uma árvore que me cativa. Desta vez, a minha árvore, a que me faz parar e admirar, elogiá-la secretamente, está logo ali, na Praça Tochetto, perto da movimentada parada de ônibus da Avenida Brasil, escondidinha por entre outras árvores, sem chamar a atenção de quantos por ali passam.

Esta praça tem sua origem nos meados de 1965 e seu nome atual é uma homenagem ao Professor Ernesto Tochetto.

Se esta árvore é tão velha quanto a praça, não sei, mas penso que sim, em razão de seu grosso e velho tronco, cheio de cupins e de seus longos braços, mais de trinta metros, amparados por fortes escoras e cheios de algas e parasitas.

O fato é que ela está lá com toda sua humildade e imponência, braços abertos em sinal de acolhida, bênção e proteção.

Se falasse quanto teria a nos dizer sobre a vida e crescimento da cidade, histórias e estórias ouvidas dos velhos aposentados que sentam sob suas ramadas e rememoram os longínquos anos triste ou alegremente vividos, dos encontros das comadres e suas fofocas e, porque não, dos suspiros amorosos dos jovens casais em seus abraços e beijos?

Há pouco tempo parei junto a uns velhos ali sentados e perguntei pelo nome desta árvore que para mim é o mais belo exemplar do local. Frustrrei.

Olharam-me, deram uma risadinha e disseram não saber seu nome, bem como de quase todas as outras árvores ali existentes.

Os taxistas que estão ali por mais de trinta anos, deram-me a mesma resposta.

Restou-me a pesquisa. Assim, soube que nesta praça existem vinte espécies arbóreas, entre elas a paineira, o umbu, ipês roxo e amarelo, figueiras e até um exemplar da sequóia, originária da América do Norte.

Mas a minha árvore, a que me atraiu a atenção e quero que continue ali, de braços abertos, abençoando, acolhendo e protegendo, é a Tipuana.

Caracteriza-se por ser bela e frondosa árvore, de crescimento rápido, indicada para o plantio em praças e parques devido seu porte avantajado. Aprecia o calor e a umidade, mas é capaz de tolerar o frio.

Suas flores são minúsculas e alaranjadas. As vagens contém as sementes. Sua madeira não é aproveitada para fins industriais.

Divido com vocês a beleza da minha árvore, a Tipuana, e fica meu convite para que a conheçam e a admirem.

QUERIA SER ASSIM... COMO ELA

Como quem? Como ela, Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, que aos cinquenta anos de idade sentiu-se passar por uma intensa transformação interior, a qual mais tarde definiria como “a perda do medo”. Foi nesta mudança interior que decidiu trocar seu nome de batismo pelo pseudônimo de Cora Coralina.

Lógico, não a conheci, pois viveu sua vida toda no Estado de Goiás, onde é reconhecida como a grande poetisa.

Pouco li de seus poemas e escritos, mas a cada frase dela que leio, cresce em mim a admiração por esta mulher que eu imagino de porte pequeno e mirrado, mas um vulcão em atividade no que se refere aos trabalhos por ela exercidos.

Com a morte do esposo e advogado Cantídio Bretas, em 1934, Ana sentiu sobre seus ombros o peso da responsabilidade de criar e educar os quatro filhos. E pôs-se ao trabalho: vendeu livros, produziu linguiças caseiras e banha de porco, mas foi na confecção de doces caseiros que se deu bem. Considerava os doces cristalizados de caju, abóbora, figo e laranja que encantavam vizinhos e amigos, obras melhores que seus escritos em folhas de caderno.

Começou a escrever poesias aos quatorze anos. Coursou apenas até a terceira série do curso primário, o que não impediu de se tornar a grande poetisa que foi, autora de várias obras, a primeira mulher a ganhar o prêmio “Juca Pato”, em 1983.

Reconhecida por suas obras, participou de conferências, homenagens e programas de TV e nunca perdeu a doçura de escritora e confeitadeira.

Vicência, a filha caçula, autora do livro “Cora Coragem Cora

Poesia”, diz: “Mamãe foi uma mulher à frente do seu tempo. Dona de uma mente aberta, sempre nos passou a lição da coragem e do otimismo.”

Senhora de sábias e poderosas palavras, escrevia com simplicidade e pureza. Basta vermos a profundidade desta frase: “Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.”

Transferir o que sabe, ou seja, não guardar só para si o que sabe ou aprendeu, ser generoso, liberal, magnânimo. Se a mim faz bem pode ser útil a outros, este ato de transferir causa realização e contentamento.

“Aprender o que ensina” é mais complicado. Parece contradição, mas supõe-se que o que eu ensine, vivencie; o que não é tão simples. Se eu não vivencio o que eu aprendi, eu não aprendi.

É preciso que transfira em obras, o que eu ensino a outrem.

Cora Coralina tem outras frases de impacto, tais como: “O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher.”

“Não sei se a vida é curta ou longa, mas sei que nada do que vivemos terá sentido se não tocarmos o coração das pessoas.”

E ainda nos ensina o que é que dá sentido à vida de modo que esta seja intensa, verdadeira e pura. Para isto, diz ela, basta ser: “colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que contagia, lágrima que escorre, olhar que acaricia, desejo que sacia, amor que promove.”

Queria ser assim... tão sábia quanto Cora Coralina.

MÃE

Existem palavras curtas que expressam grandeza, poder e majestade.

É o caso de palavras como Deus, Amor, Fé, Céu, Pai, Mãe...

Cada uma delas são infinitas como é o universo.

O grande Mário Quintana referindo-se à mãe, diz: “Mãe, és do tamanho do céu e apenas menor que Deus”.

Tão grande o poder da mãe que Ele escolheu uma para encarnar-se, fazer-se humano e assumir a obra salvadora quando a humanidade pecadora jazia em trevas.

Escolheu uma jovem pura, de família humilde e, enquanto humano, chamou-a de mãe.

E Maria não se orgulhava de sua escolha, nem se engrandecia. Entregou-se por inteiro à sua missão de mãe do Salvador.

E Deus não a poupou das tarefas inerentes aos cuidados e educação do Menino, do desconforto da pobreza, da fuga dos que o queriam matar quando ainda criança, das calúnias e humilhações nos poucos anos de vida pública, da injusta condenação, morte cruel e de receber seu filho sem vida em seus braços.

E esta Mãe não se desesperou, não fez escândalos, foi corajosa, sofredora e forte. Esteve sempre com o Filho em sua missão salvadora, encorajando-o.

Como toda mãe, Maria não viveu para si: sofreu com suas dores, angústias e supostas derrotas como também alegrou-se com as curas, milagres e, principalmente, com sua ressurreição.

O amor de mãe é generoso, forte e poderoso.

Ser mãe não é um título honorífico, mas uma tarefa que exige renúncia, envolvimento e doação. É saber que seu amor-doação nem sempre é correspondido, que seus ensinamentos, por vezes, são deixados à margem, que os caminhos seguidos pelos filhos não são os que ela indicou.

Assim como as mães se alegram pelas conquistas dos filhos, pelo bem por eles praticado, muito sofrem com a ingratidão dos filhos e com o desvio dos mesmos da prática do bem.

Sabendo da grandiosidade da missão das mães, na continuação de sua obra criadora, Deus dotou-as de um coração generoso, de grande sensibilidade emotiva, de resistência ao sofrimento, coragem e muito amor.

“Deus reuniu todas as águas, chamou-as mar; reuniu todas as graças, chamou-as Maria”.

Às mães, Maria é exemplo total, o que muito conforta.

Maria, é do tamanho do céu, e apenas um pouco menor que Deus.

DENTRO E FORA DA MODA

Aqui não se refere ao modo refinado de trajar criado por famosos costureiros que vestem elegantes modelos e personalidades do mundo inteiro.

Em geral, colocam-se os valores no exterior e gastam fortunas para ter um visual segundo a moda das grifes mais famosas.

Não me incluo em nada neste estilo, embora em épocas da vida houvesse sonhado com melhores aparências externas. Mas graças a esta impossibilidade, cultivei com carinho a moda interior, que não exige investimentos e traz muita satisfação.

Posso falar de amor, o qual deve se manifestar mais em atos que em palavras. Posso transmitir sinceridade, amizade, felicidade.

Encanto-me com a roupagem da natureza que nos cerca, que é sábia, perfeita e que dá preferência ao verde em suas infinitas tonalidades.

Veste-se de roupagens tais que o Rei Salomão em toda sua imponência, não chegou aos pés da criação viva que nos cerca. Nela tudo é grandioso, perfeito e exuberante.

O desequilíbrio tão frequente na natureza é obra da imperícia e da ganância humana.

A natureza faz acontecer cenários incríveis e diferenciados que nos impactam e fazem refletir.

Ela segue ciclos que a regulam; veste-se de cores dos mais variados e incopiáveis tons. Em suas devidas épocas, cobre-se de flores que após se mudam em frutos. No outono o vento sopra e a terra fica

coberta por colorido tapete formado pelas folhas que se desprendem das árvores. Há árvores que dão a impressão de haverem morrido. Ficam inteiramente desnudas. É a época do silêncio, da renovação da seiva, das forças. Na estação seguinte, ressurgem com viço e força, dando-nos grande lição de simplicidade, despojamento, força e coragem.

Feliz de quem, como as árvores no outono, se recolhem e visitam seu interior para pensar, avaliar decisões tomadas, caminhos trilhados e resgatar esperanças que insistem em enfraquecer e revoar com as folhas leves e soltas.

O OUTONO DA VIDA

Nossa vida assemelha-se às estações do ano, com a diferença que estas se repetem, ano após ano.

Linda a primavera da vida. Anos bonitos como as flores coloridas que abrem suas corolas aveludadas para receber o orvalho da manhã e saudar a luz e o calor do sol.

Na primavera da vida aparecem as flores da alegria, amizade, otimismo. As sementes são lançadas à terra; o calor e a umidade as fazem germinar. O calor do verão as faz crescer e produzir frutos.

O verão em nós é a vida adulta, de trabalho e realização pessoal e familiar. É época de cuidar para que os frutos cheguem à maturidade, viçosos e sadios.

E chega o outono: outono na natureza e em nossa vida. Tão belo quanto as demais estações e fases da vida, mas diferente.

As folhas tomam cores diferentes e começam a cair.

O pôr do sol se torna mais poético. As pessoas ficam mais tranquilas e recolhem-se mais cedo ao lar, pois o dia vai ficando mais curto. A noite favorece o descanso.

No outono da vida os anos vão adiantados. Como as folhas, nossos cabelos branqueiam e, como elas, eles caem. A pele torna-se fina e ressecada; muitas pequenas manchas aparecem sobre ela.

As mãos calejadas já não são tão ágeis e as juntas se engrossam. As pernas perderam muito de sua agilidade e firmeza e doem. O corpo já não é tão ereto, as costas ressentem-se e perderam muito do vigor dos anos que ficaram para trás.

Quer-se tranquilidade, descanso e sossego. Se o corpo se fragiliza, ocorre o inverso com o lado afetivo, moral e espiritual.

A carga de experiências acumuladas é muito grande. Os sentimentos e a sensibilidade afloram.

O coração, ah, o coração! Enfraqueceu bastante fisicamente, mas armazena maturidade, afeto, carinho, compreensão, tranquilidade...

Os frutos amadureceram e é época de colheita, embora jamais se possa interromper o plantio...

A ESCOLA DA VIDA

Admiro pessoas sábias com fome e sede de saber, ainda mais se esta sabedoria for vivenciada e transmitida em prol do crescimento intelectual de outros.

Há pessoas que a vida tornou sábias, embora com pouca instrução escolar.

A vida é mestra por excelência. Basta ter a sensibilidade de ouvir-lhe e seguir seus ensinamentos.

É sapientíssimo o analfabeto que cria, educa e encaminha para a vida seus filhos.

É inteligente o agricultor que trata da terra sem o uso de agrotóxicos danosos à saúde.

É sábio o indígena que mora no interior da floresta e conhece a propriedade das plantas e ervas medicinais.

É de imensa sabedoria aquela velhinha que impõe as mãos, benze e traz saúde às pessoas através de chás e infusões caseiras.

E é sábio, muito sábio, aquele profissional ao qual o dia não o favorecera quanto merecia e esperava, mas que ao chegar ao lar, à tardinha, deixa sua sobrecarga e seus problemas do lado de fora da casa, aos cuidados de uma planta, digamos, para não transmitir aos familiares os problemas ou o mau humor que o afetam.

Há um ditado popular que diz que não se deve levar ao trabalho os problemas do lar e vice-versa.

O convívio familiar e uma noite bem dormida, renovam as forças para o novo dia de trabalho.

Importa ouvir e seguir as lições da vida, mestra por excelência. Ela só quer o nosso bem.

A CASA, O CAMELO E O MAR

A casa onde moramos é lugar sagrado. Por esta razão cuidamos para que esteja em ordem, limpa e acolhedora.

O que a compõe, ou seja, seus móveis e tudo o que há nela, devem servir para nosso conforto e bem-estar.

O mais importante num lar, é que os membros que fazem parte da família sejam unidos, se amem e se auxiliem uns aos outros a transpor as dificuldades que sempre fazem questão de estar presentes.

Nada mais reconfortante do que ao final de um dia de trabalho ou estudos, regressar ao aconchego do lar.

A mãe camelo vivia com seu filhinho num zoológico onde eram visitados e admirados principalmente pelas crianças que se extasiavam por sua corcova, suas longas pernas e dos enormes cílios que praticamente lhe impediam a visão.

O jovem camelo ficava intrigado com os comentários feitos pelos visitantes e certo dia interrogou sua mãe sobre suas justificadas dúvidas.

Meu filho, disse mamãe camelo do alto de sua sabedoria: somos animais cujo habitat é o deserto. Na corcova armazenamos água, pois no deserto é escassa. As pernas são longas e as patas arredondadas para facilitar a caminhada pelo quente deserto e os longos cílios protegem nossos olhos da areia e do vento constante que há no deserto.

O filho camelo ficou pensativo e falou: se temos todos estes predicados para viver no deserto, o que estamos fazendo no zoológico?

O mar e sua grandeza. O que o fez tão grande foi sua humildade a colocar-se abaixo dos rios e receber destes, suas águas.

Ele não se gloria de sua grandeza, mas dia após dia repete seus movimentos de vai e vem, faz a água elevar-se e formar as marés e as magníficas ondas que encantam e atraem os surfistas.

É fonte de alimentação à população e mão-de-obra dos pescadores. Oferece meio de transporte através da navegação.

Não deixa de oferecer perigo a quem o frequenta ou enfrenta e sua força pode ser destruidora.

É fonte de alegria e descanso, mas exige respeito e cautela.

O que tais breves relatos e observações podem ter em comum?

O mundo em que vivemos, é nossa casa. Nem sempre as coisas são do nosso agrado e muitas questões nos inquietam, mas não podemos e nem devemos esmorecer. Para tudo há um propósito. A vida nos ensina a arte de ceder, a agir ante a perda e o ganho, o acerto e o erro, a dar e a receber, a morrer um pouco a cada dia, pois aqui estamos de passagem e sabemos que nada é perfeito ou dura para sempre.

FARDOS, QUEM NÃO OS TEM?

Gostei do que escreveu Ita Portugal, que em seu texto “Guardados bem Mofados”, diz que seu coração costuma se expandir por aí, como sacola de feira lotada de variedades e boas lembranças.

Acrescentaria eu, boas e más lembranças.

Todos carregamos nosso fardo às costas.

Para os jovens, esta mochila é mais leve. Os embrulhos ali guardados são agradáveis em sua maioria, cheios de doçura, carinho, atenção dos pais, desejos satisfeitos, realizações, sonhos.

Há uns pacotinhos menos desejáveis, um tanto pesados, incompreensões, frustrações, mas não é tão grande o peso, não.

Os adultos já carregam fardos bem mais pesados, mas não insuportáveis. Por vezes o peso os obriga a arrastar o volume, mas vendo que todos os que andam pelas estradas ao lado deles tem fardos por vezes maiores e mais pesados, animam-se e continuam a caminhada.

Há quem pare à margem, sente sobre o fardo, chore, reclame, insulte. Passado o cansaço, retomam o caminho.

Meu fardo? Como sou naturalmente melancólica, por vezes acho-o muito pesado.

Refletindo sobre minha vida, acho-lhe as boas fases bem reduzidas.

Ao ser concebida, fui rejeitada desde logo, pois meu irmão anterior a mim, estava com apenas quatro meses de vida.

Ao nascer, nem parteira tinha, pois meu pai foi à vila buscá-la e voltou quatro dias após, devido às grandes enchentes que se abatiam sobre a região.

Com um filho seguido a outro, mais um montão de trabalho, como os pais podiam dispensar o necessário carinho e cuidado? Não os culpo.

A família não era tão pobre, mas o conforto era praticamente nulo.

Sofremos muito para ir à escola. Lá eu sempre me senti discriminada, pela simplicidade no vestir e calçar.

Com doze anos, deixei minha família para ir ao colégio onde realmente sofria-se discriminação.

Afogava minhas mágoas no trabalho.

No convento jamais me perguntaram o que eu queria fazer.

Simplemente mandaram lecionar, sem preparação alguma para tanto. No começo foi um fracasso. Depois se tornou um trabalho de vida aprimorado e gratificante, mas só depois de muito tempo.

Por longos anos, minhas embalagens no fardo da vida, tinham cor escura.

Infeliz, não me decidia sair da vida religiosa, pois segundo a mestra, magoaria meus pais.

Ao conseguir sair, não tive apoio algum. Deram-me umas poucas roupas e o salário do último mês.

Com isso segui, o fardo pode-se dizer diminuiu daquelas opressões até então vividas, mas outros sentimentos e sofrimentos se somaram à carga carregada.

Outros momentos, novos desafios, mas os fardos sempre ali, parceiros de viagem.

HERÓIS

Tenho grande admiração por este jornalista, escritor, cineasta, poeta e apresentador brasileiro. Simpático, charmoso e inteligente, foi correspondente internacional cobrindo a Guerra do Golfo, a queda do Muro de Berlim, comandou o Fantástico, formou um grupo de recitais devido a sua forte ligação com a poesia, publicou o livro “Roberto Marinho”, uma biografia póstuma autorizada e teve outras participações importantes em apresentações, traduções e interpretações.

Falo do conhecido e reconhecido Pedro Bial.

Contudo, para meu espanto e de milhões de brasileiros, este famoso apresentador está, desde 2002, no comando do reality show Big Brother Brasil, transmitido por emissora de TV aberta do Brasil; programa este que na visão de inúmeros e inconformados cidadãos, é a síntese do que há de pior na TV brasileira, é a morte da cultura, de valores e princípios, da ética e da dignidade. é uma afronta escancarada ao pudor, um mar de vulgaridade, um desserviço à sociedade, a total banalização do sexo, e, em resumo, pura baixaria e safadeza.

No entanto, dada a capacidade do apresentador, o programa atrai multidões e a emissora que o transmite arrecada milhões em reais a cada dia de audiência.

Não consta que este dinheiro tomado do povo que, ingênuo faz um número incontável de ligações para opinar sobre a saída ou permanência de um participante, seja aplicado em programas de combate à fome ou à miséria, em moradias novas, ou em melhorias ao ensino e saúde públicos.

E o simpático apresentador saúda os participantes, chamando-os de “meus heróis”.

Eu os vejo como fantoches, peças manipuláveis, incautos, que ao sair da casa nada acrescentaram ao que eram quando lá entraram, joguetes na ingênua ilusão de que passaram a ser importantes por terem feito parte de um circo, palco de tudo, menos de atos valorosos!

Bial, “herói” é um termo muito forte, aplicado a alguém que trabalha de sol a sol para ganhar um míngua salário e conseguir sustentar seus quatro ou cinco filhos, pagar aluguel, água, luz...

Herói é aquele indivíduo que cata lixo, restos de comida para não perecer de fome e miséria e dorme sobre um pedaço de papelão ou trapo sujo.

Herói é aquele professor que no dia-a-dia enfrenta uma sala repleta de alunos vindos de famílias que em sua maioria descarregam sobre a escola as responsabilidades da educação de seus rebeldes filhos, alunos que não respeitam, retrucam e desacatam os professores, os quais, ao final do mês recebem irrisória remuneração.

Herói, Bial, é o agricultor que faz a sua plantação na esperança de uma boa colheita e que, com as intempéries imprevisíveis, tem sua produção reduzida ou senão totalmente perdida. Até a vaquinha do leite para os filhos perece de fome e sede. Não morre, no entanto, sua esperança.

Heróis são os lixeiros, varredores de ruas, catadores de lixo, que não se envergonham de sua profissão e que não são valorizados.

Heróis, hoje, neste mundo dissoluto e complicado, são os pais e mães de família que lutam pela educação dos filhos, que trabalham para que estes não se tornem escravos da droga e possam escrever uma história de sucesso e honra.

Bial, inteligente quanto você é, que tal ser o apresentador de um Big Brother diferente, onde os participantes fossem incentivados a ler, pesquisar, estudar, criar para vencer as provas e paredões?

Imagine-se o bem que poderia ser prestado à sociedade, num repaginado BBB, de cunho cultural, que enfocasse o conhecimento e o saber, a cultura e o desenvolvimento pessoal e social de quem participa e de quem assiste?

Nem tudo está perdido, Bial; a menos que se insista acreditando que o programa está bom na medida em que continua contaminando o povo com uma carga de bobagens diárias. Como o programa está hoje, meus pêssames, Bial... já não posso dizer que o admito tanto por fazer frente a tamanho desserviço à sociedade brasileira.

RELAÇÃO HOMEM X ANIMAL

Sábio Ele. Foi pondo ordem na casa, criando, arrumando, separando, dando a cada coisa seu devido lugar como se faz ao se receber visita importante.

Criou e dependurou bilhões de enfeites na abóbada celeste, plantou infinitas espécies vegetais sobre o solo, pôs vida nas águas, criou muitíssimas espécies de animais para povoarem este mundão de Deus.

No entanto, não estava acabada sua obra.

Parou, pensou, descansou.

Faltava criar quem cuidasse disso tudo, com sabedoria e inteligência. E fez o homem. E fê-lo a sua imagem e semelhança. E o homem vivia feliz dividindo espaço com os animais, cuidando deles, alimentando-se da caça e pesca, usando da força animal para o trabalho e até vestindo-se com suas peles.

Era muito bom o relacionamento de uns com os outros, bastante próximos entre si, não fosse a inteligência e a imortalidade do homem, atributos que não fazem parte dos animais.

Gosto muito dos animais pelo quanto representam e merecem nossos cuidados.

Os insetos, tem a importante tarefa da polinização; a abelha de produzir o mel; e os minúsculos bichinhos que vivem no solo ou pouco além da superfície são encarregados da conservação e adubação do mesmo, como é o caso da minhoca.

Providenciou também animais fiéis e companheiros do homem, como é o caso dos cães. O cão é de fato muito fiel e amigo de seu dono, por vezes mais fiel que o próprio homem a seu semelhante.

Como moro sozinha tenho a companhia de duas cadelinhas. Uma é uma *poodle* que por longos dezesseis anos nos alegra com seu carinho e companhia. Cuido muito dela para que tenha uma velhice saudável.

A outra é uma *lulu da pomerânia*. É minha mais fiel companheira. Onde eu vou dentro de casa ela está comigo. É cachorro de companhia e muito se apega a seu dono. Quando saio, deita à porta e chora.

Não vejo mal em ter apego aos animais, desde que não exagera do a ponto de substituí-los aos filhos.

Como ocorre com crianças e adultos abandonados, há também, cães abandonados, sofridos e doentes pelas ruas, remexendo lixeiras em busca de alimento.

Se o homem peca por excesso de cuidado a estes animais, igual ou maior pecado comete com o abandono dos mesmos.

É preciso mais equilíbrio e menos inversão de valores a este homem, razão da criação.

PARTE II
EXPERIÊNCIAS

FOI ASSIM QUE TUDO COMEÇOU

Grandes mentes pensam grandes ideias. Foi o que aconteceu com o grupo que idealizou e ajudou a construir uma bela história, iniciada em 1989, através do então Vice-Reitor Acadêmico da UPF, Prof. Agostinho Both.

Propunha-se a criação de um centro que abrigasse estudos e atividades para pesquisas e serviços sobre o envelhecimento humano.

Após várias reuniões incluindo o Grupo Pró-Memória de Passo Fundo, foi aceita a criação de um espaço universitário para idosos.

Em julho de 1990, nascia o CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS E ATIVIDADES DA TERCEIRA IDADE – CREATI, sob a coordenação altruísta do Prof. Agostinho Both.

Em outubro deste mesmo ano, foi aprovado o projeto de institucionalização do CREATI, tendo sido aprovado tanto no Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, como no Conselho Diretor.

E o CREATI, plantinha sadia, criou raízes fortes, ramos longos e abrangentes e um ano após sua criação, os Campi da UPF passaram a oferecer as mesmas oportunidades aos seus idosos; ou seja, frutos vistosos de árvore forte!

Em 1993, as atividades do CREATI alcançaram as vilas de Passo Fundo com o apoio do Poder Público Municipal, da 7ª Delegacia Regional de Educação e da Universidade de Passo Fundo.

Passados três anos, em 1996, o Município assumiu inteiramente as atividades da Terceira Idade, sob a denominação de DATI (Divisão de Atenção ao Idoso).

Em fins de 1990, realizaram-se as inscrições do Curso Arte de

Envelhecer, das Oficinas do Corpo, de Dança, e de Teatro, bem como de Literatura.

A estas, seguiram-se outras e outras, todas atraindo grande número de participantes.

Ao longo dos anos algumas oficinas foram sendo substituídas por outras, para melhor atender os anseios de seus alunos.

Hoje, com vinte e quatro anos de existência, o CREATI acolhe incontável número de idosos, que lá rejuvenescem no convívio e amizade com os demais, trocam experiências, aprendem e ensinam, esquecem problemas, acolhem, abraçam, amam e sentem-se amados.

O CREATI, através de seus participantes, constitui-se numa fonte de sabedoria e experiências, fonte de vida.

Quem dera, todos os idosos tivessem o privilégio de fazer parte desta diferenciada instituição.

SE AS PAREDES FALASSEM

Ao surgir, chamaram-no CREATI (Centro Regional de Estudos e Atividades para a Terceira Idade).

Ele tem o dom de reviver, rejuvenescer, despertar qualidades adormecidas, apontar caminhos, renascer esperanças, esquecer dissabores.

É pai e mãe que acolhe, acaricia, que cura as feridas, devolve a alegria de viver, descongela corações, desfaz o véu que impede os olhos e a inteligência de ver as coisas boas e belas que a vida oferece.

É um privilégio somar aos que, inteligentemente, procuram esta Escola de vida e sabedoria.

As paredes que nos acolhem não falam, mas quanta sabedoria, experiência de vida, emoções, encantos e desencantos teriam a nos contar?

Importa ter a sensibilidade de ouvi-las e senti-las.

Importa sabermos desfrutar da sabedoria que emana das pessoas que aqui nos cercam, como raios de sol cuja luz nos inunda e nos revigora.

Parabéns, CREATI!

Parabéns a teus idealizadores e colaboradores, que, num gesto de grandiosidade, se preocuparam em tornar prazerosa e produtiva a terceira idade.

POR QUE PARTICIPO DA OFICINA LITERÁRIA

Se o acaso existe, este fato é obra do acaso.

Foi por acaso, quando estava mal de tudo: acabara de perder o marido, fisicamente estava debilitada, péssima emocionalmente, pagava aluguel, fazia tempo não podia pensar em mim. Para bem da verdade, corpo e alma precisavam de ajuda.

Uma das filhas esteve na secretaria do CREATI obtendo informações para eu participar de alguma oficina. Chegou em casa falando da Oficina Literária. Como não estava em condições de escolher, não reagi e fui.

Não gostei do primeiro encontro e lembro até do tema lido pela professora para ser desenvolvido em classe. Não saí do chão, mas, na semana seguinte, voltei e em pouco tempo comecei a criar alguma coisa.

Desde o começo, o que mais me agrada e alegra é a criatividade dos colegas no desenvolvimento de um mesmo tema proposto. As ideias brotam as mais diversas. Cada qual vê o assunto em diferentes prismas. Uns têm maior facilidade, escrevem com rapidez. Outros são mais lentos, como no meu caso. É preciso cavar a rocha, penetrar fundo como quem procura água ou metais preciosos. Alguma coisa sempre sai do íntimo para o papel.

Escrever é algo místico. Imprimimos nossas ideias, pensamentos, nosso ser.

O que falamos se perde no espaço. O que escrevemos nos eterniza.

Escrever é bom, faz bem, realiza.

Gosto e participo da Oficina Literária, antes de mais nada, pelos fortes laços de amizade que nos unem aos colegas.

Formamos uma família, onde reina união, liberdade, confiança, compreensão. Sentimo-nos valorizados. É o mais importante.

Não somos escritores natos, mas damos o máximo de nós para nossas singelas produções.

A Oficina Literária nos dá e nos mantém em um certo grau de cultura e atualização, o que é muito bom e nos faz bem.

GRUPOS NA TERCEIRA IDADE

A solidão, segundo o Dr. Mesquita, é a pior inimiga de alguém que se encontra em idade avançada.

É um problema mais frequente do que se imagina.

À medida que a pessoa envelhece, vai perdendo a memória, aparecem mudanças físicas e na personalidade e, muitas vezes, fica sem os devidos cuidados e atenções porque os familiares estão envolvidos em suas atividades diárias.

O número de idosos aumenta a cada dia, dada a longevidade que está em crescente.

É maravilhoso viver mais desde que em condições dignas, com os necessários cuidados da vida e saúde.

Ao meu ver a criação de grupos para a Terceira Idade voltados para os nossos idosos, foi uma das coisas mais bem pensadas.

Deviam existir em número suficiente e serem capazes de abranger todos os idosos que ainda não estão em situações mais graves, dependentes de cuidados contínuos.

Na convivência em grupos onde as pessoas conversam, riem, dividem experiências, ocupam-se com atividades manuais para doações, praticam dança, ginástica, ioga, atividades aquáticas, realizam viagens e excursões, participam em oficinas do bem viver, da fala e outras mais, idosos rejuvenescem, vivem novas experiências de amor, alegram-se e reabastecem-se de energia e ânimo.

Assim ocupados, não alimentam pensamentos negativos e inúteis. É uma tendência quase natural a mulher ocupar-se com atividades

manuais. Por vezes ela nem sabe quanto habilidosa é, quanto de satisfação isso lhe traz.

Difícilmente a pessoa que participa de grupos não melhora seu humor e sua saúde.

“A melhor terapia para vencer a solidão é a integração familiar, o convívio com amigos e a prática de exercícios físicos, o que torna o envelhecimento mais longo e aceitável”, diz Dr. Mesquita.

MELHOR IDADE?

“A velhice é o que é”. Gostei desta afirmativa de Eliane Brum. Estou ficando velha, e daí? Acho isto um privilégio, uma bênção, talvez a recompensa de uma vida bem vivida, sem extravagâncias e exageros.

Dizer-se que a velhice é a melhor idade, a mim parece uma forma de não aceitação de que se está ficando avançado em idade.

A melhor idade ficou para trás há décadas, quando a responsabilidade, as obrigações pareciam pertencer aos pais a quem cabia determinar, prover, educar...

Também melhor idade na vida de uma pessoa considero ser a juventude, quando tudo eram sonhos, alegrias, diversões...

Cada qual tem sua maneira de ser, pensar, agir, diferente de qualquer outro ser humano. Cada qual viveu ou vive a vida como lhe apraz, só não concordo que se diga que a velhice é a melhor idade.

O velho hoje e sempre, com sua sabedoria adquirida ao longo dos anos, sua experiência, suas virtudes e seus valores, seu trabalho todo, deveria receber o carinho e atenção dos seus. Infelizmente não é o que em geral acontece. Muitos anciãos são abandonados à própria sorte, passam os dias sozinhos, sem os devidos cuidados, um peso para a família que muitas vezes os exploram financeiramente, tomando-lhe a já minguada aposentadoria, chamando sua atenção por qualquer transgressão.

Retornando a minha não aceitação de que a velhice seja a melhor idade, pergunto: onde foram as forças que tinha quando jovem, o físico robusto e saudável, a disposição para o trabalho, a saúde de ferro,

os passos ligeiros, a longa e farta trança de meus cabelos, uma juventude sadia, regradada e muitos outros atributos?

Assim como os fui recolhendo ao longo dos anos vividos, hoje largo-os ao longo do caminho.

As forças em parte se foram, a pele antes viçosa hoje está fina, enrugada e manchada, doem os pés com suas joanetes e calosidades, unhas encravadas. Doem as pernas, os joelhos, as costas, a coluna, os braços. É uma prótese aqui, outra ali. A artrite retorce os dedos, a osteoporose desgasta os ossos deixando-os fracos e esponjosos.

É a cabeça que dói, a memória que falha, sem falar da audição e visão deixando-me na mão quando mais preciso delas.

É a falta de ar e o coração que bateu tanto, sofreu tanto, foi forte, foi generoso, foi bom, foi mau, foi fiel, suportou todo tipo de sentimentos e hoje anda um tanto cansado.

E daí? A velhice é a melhor idade da vida?

Onde está o reconhecimento a estas pessoas por parte dos órgãos públicos, a pessoas estas, que muito deram de si e muito fizeram em prol da sociedade?

Acho de grande importância o respeito aos velhos, mestres do saber, bibliotecas itinerantes.

Não chorem sobre seus túmulos. Imitem-nos em sua sabedoria e exemplos enquanto ainda vivem.

QUALIDADE DE VIDA DOS IDOSOS

Não há como se definir qualidade de vida, pois é algo complexo, diferenciando-se de um indivíduo para outro, do meio e das condições onde cada qual vive.

Para o idoso, ter uma velhice saudável e com qualidade de vida, é essencial que mantenha sua autonomia e independência. Ele deve ter condições de fazer amizades, ter atividades que lhe deem prazer, ter motivos para sorrir e amar.

É de grande importância que mantenha seu lado espiritual e seu relacionamento com a família.

É necessária a integração em programas sociais, onde as atividades próprias para idosos, se adaptem às capacidades de cada um.

A Constituição Federal de 1988 em seu artigo 3º, afirma: “Deve-se promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, cor, sexo e idade.”

Os idosos já não contribuem na produtividade, mas contribuem no aprendizado dos jovens que valorizam as experiências e trilham caminhos que contribuirão no seu viver com qualidade.

Uma das condições para uma boa qualidade de vida é ter um corpo saudável. Para isto é necessário alimentar-se bem, usar medicamentos necessários, ter boas amizades e praticar atividade física. Também é preciso que a pessoa venha se cuidando, física e emocionalmente, desde jovem, evitando os exageros que lhe possam causar problemas quando o físico começar sua decadência, as forças diminuam e, automaticamente, se tornar mais lento.

QUANDO COMEÇAMOS ENVELHECER

A verdadeira velhice começa quando se olha para trás ao invés de olhar para a frente; diz a escritora May Sarton.

Envelhecer é parte natural da vida, que a comparo a uma longa caminhada.

Quando jovens, cheios de vigor, avançamos de forma rápida, traçamos metas, alimentamos sonhos, realizamos feitos, transpomos barreiras, desperdiçamos oportunidades e, algumas, aproveitamos...

Já adultos, maduros, tornamo-nos mais ponderados, analisamos os prós e os contras das coisas, agimos e avançamos com mais vagar, somos mais reflexivos, tomamos medidas mais acertadas, não agimos por impulso...

Lentamente, porém, o vigor físico parece diminuir, nosso andar se torna mais lento, cansamos facilmente, tornamo-nos mais introspectivos, esquecemos das coisas com certa facilidade... fisicamente, sentimo-nos envelhecidos qual uma máquina próxima de findar sua produtividade.

Algo maravilhoso, no entanto, ocorre: o espírito se nega a envelhecer! Tornamo-nos mais sábios, damos mais valor às coisas do espírito.

Na longa caminhada que empreendemos, vamos com mais lentidão para admirar as belezas que ladeiam a estrada, para agradecer por haver chegado até ali.

Não há idade para envelhecer! Há muitos jovens bem idosos, que não encontram razões de avançar, são derrotados em seus sonhos e ideais, carcomidos pelo verme do desânimo e da inatividade.

Vive-se uma vez só. Então, é preciso aproveitar cada momento, descobrir o valor das coisas simples, dos pequenos tesouros escondidos que tornam a vida bela.

A ARTE DE ENVELHECER - I

A gente mal nasce e começa a morrer, diz Vinícius de Moraes.

Durante toda a vida devemos nos preparar para morrer. Parece uma meta muito distante, mas como diz o Livro Sagrado: “Estais preparados; não sabeis o dia nem a hora.” Sou do parecer de que não devemos nos preocupar tanto com a morte, mas sim com a vida, com a maneira como a vivemos, como cuidamos do nosso físico, como alimentamos nosso espírito.

Felizmente somos provenientes de famílias sólidas, recebemos bons ensinamentos, boa educação. A base, o alicerce é o que conta para a construção sólida de nossa vida, aliada à nossa vontade de crescer, de ser mais e melhor, de ser útil, de galgar com sabedoria a escala de valores.

Vamos vivendo. Em seu tempo aparecem os primeiros cabelos brancos, rugas no rosto, a pele perde o viço, as forças diminuem.

Somos tão velhos quanto pensamos.

O físico Albert Einstein dizia: “Jamais envelheça, não importa quanto tempo você viva. Nunca deixe de ser como uma criança curiosa diante do grande mistério do qual nascemos.”

Envelhecer, diz Ingrid Bergman, é como escalar uma montanha. Você vai se apoiando em cada uma das saliências. Quanto mais alto você chega, mais cansado e sem fôlego fica, mas pode ver cada vez mais longe.

De uma coisa estou certa: envelhecer é um privilégio e envelhecer bem é uma dádiva de Deus. -

A ARTE DE ENVELHECER - II

“A pessoa que tem o dom de envelhecer bem, é aquela que se contenta com um pouco de conforto. Se você reconhece o calor como uma bênção, se sua cama, seu banho, sua comida e bebida favoritas são considerados a mais pura alegria, então você terá uma boa velhice.” – é o que afirma a escritora Florida Scott Maxwell.

Concordo plenamente com a afirmação, porque com o avançar dos anos, penso que a pessoa vai se desapegando das coisas materiais, não as valoriza tanto, não ambiciona ter mais, e a simplicidade lhe faz bem. E eu diria mais: oxalá todas as pessoas idosas tivessem o essencial para viver com dignidade.

No entanto, acrescentaria ao conforto simples da escritora Maxwell, um requisito de primeira necessidade para envelhecer feliz: estar ativo!

Eu tenho relativo conforto. O sol e a luz inundam meu amplo apartamento, deito na melhor cama do mundo, faço minha comida gostosa e saudável. Mas já pensou se não me ocupasse, se não fizesse minha cabeça funcionar através da leitura diária; se minhas mãos não manejassem linhas, lãs, agulhas e tecidos, várias horas do dia, confeccionando peças de tricô, crochê, patchwork... o que faria eu com o tempo vago que a idade me trouxe?

Acredito não haver melhor maneira de envelhecer do que manter-se ativo, fazendo o que se gosta.

Com a cabeça e as mãos em constante atividade, não se tem tempo para queixas e lamúrias. O tempo passa sem ser notado e se fica feliz com o que se produz.

Adoro meus trabalhos artísticos, minhas peças únicas em linhas, tecidos e bordados, pois elas permanecerão após o término dos meus dias.

E agora, me surge uma dúvida: com o que vou me ocupar do outro lado da existência? Não mais envelheceremos, não mais sofreremos, não teremos mais dissabores? O que nos espera...

AULA DOS SONHOS

Aula dos sonhos? Que aula? Seus participantes também sonham? Do que ela precisa?

Ah, sei! Precisa de uma sala mais espaçosa, paredes coloridas, cadeiras confortáveis, ar condicionado...

Besteira! Nada disto é essencial.

Se a sala for muito espaçosa, haverá maior distanciamento entre uma mesa e outra e o calor humano não aquecerá tanto.

Se as paredes forem em tons fortes, poderão causar danos à visão e ser causa de stress.

Se as cadeiras forem muito confortáveis, podem favorecer um cochilo e em alguns casos até começo de ronco, próprio da idade. Já pensou no vexame que isto causaria?

Ar condicionado? Não, não. A troca brusca de temperatura pode ser causadora de algum resfriado, o que não é bom para nenhum dos participantes.

As paredes de nossa sala tem alma e só nós o sabemos e só nós temos ouvidos sensíveis e aguçados para ouvi-las.

Os relatos alegres ou tristes, os desabafos, as lições de vida de que estão impregnadas... Aqui nos sentimos como no interior de um templo.

Lógico que a sala de aula que, semanalmente, ocupamos podia ser mais sofisticada, mas sua simplicidade não nos incomoda. Seus ocupantes, na melhor idade, achegam-se com seus enormes fardos de sabedoria, vivência, lições de vida colhidas ao longo dos caminhos per-

corridos. Aqui chegam, descansam seus volumes, abrem-nos e mostram aos demais os frutos colhidos, as lições apreendidas e propõem trocas.

Acho fantástica a troca de conhecimentos, de ideias.

O grupo é unido, bonito e quanto mais nos conhecemos maior, é a união, a tolerância e a compreensão entre seus membros.

Já que temos não sabemos quantos anos vindos antes de nós, é preciso que nos aprofundemos em conhecimentos que contribuam para nosso crescimento espiritual.

Amo, quando, em conjunto, analisamos textos.

Fico deslumbrada ante a riqueza de ideias que surgem e que muito nos enriquecem e, se nos enriquecemos, também damos de nós aos outros.

Não é porque estamos avançados em idade que não precisamos crescer. Sempre há tempo para armazenarmos novos conhecimentos e vivermos em plenitude os dias que Deus generosamente nos concede.

A aula da Oficina Literária muito nos ajuda na realização de nossos sonhos.

SOMAR PALAVRAS

(homenagem à Orfelina Vieira Mello)

É tempo de escolher quem saiba somar nossas palavras em uma grande carta.

Você, amiga Orfelina, sempre foi achegada às palavras, sabia usá-las e dar-lhe o devido lugar. Era familiarizada com as letras.

Hoje, em outra dimensão, para nós totalmente desconhecida, você conhece e vive o verdadeiro sentido de cada uma delas e seria a minha escolhida para tomar nossas palavras e dispô-las num grande pergaminho.

Para nós, que aqui vivemos, que somos tão apegados ao material, que temos dificuldades em atribuir escala de valores, deixamos as palavras valiosas dormirem em dicionários empoeirados em nossas estantes ou em bibliotecas pouco frequentadas.

Dia desses, Orfelina, relendo alguns de seus escritos publicados no silêncio, entre suas palavras li seu coração muito livre, desapegado, capaz de atribuir a cada coisa, o seu real sentido.

Fiquei comovida no dia em que você, entrando na Oficina Literária, entregou-me o jornal no qual você incluía dois de meus textos: “Nós” e “Nossas Avós Faziam”. Guardei com cuidado o seu presente, senti-me valorizada. Nunca alguém havia feito isto para mim. Os textos estão devidamente arquivados e cada vez que os vejo, me lembro de você.

Você, saúde frágil e vontade férrea, agia qual formiguinha. Não fazia barulho, não chamava atenção, não propagava erros aos quatro ventos, assim como se empenhava para despertar palavras adormecidas

nas páginas do dicionário, tais como Paz, Esperança, Respeito. Ao seu redor, essas palavras voavam quais borboletas coloridas.

Tinha o poder de aprisionar outras, levando-as para o sono, para a escuridão e o silêncio. Fome, opressão, violência, injustiça não tinham vez com ela.

Orfelina, mais do que ninguém, você sabia como são fortes as palavras. Dizem coisas que só o coração escuta. No entanto, nós fazemos muito barulho interior, o que nos impede de nos ouvirmos.

Tentei fazer silêncio para ouvir algo em mim, possivelmente palavras adormecidas e distingui uma que me deixou feliz, pois me permite viver as diferenças: igualdade.

Muitas vezes questiono-me a respeito das nossas limitações.

Hoje você, despojada do frágil invólucro que lhe cobria a essência, vive em plenitude o valor e a força de cada palavra. Você as conhece todas.

Para nós, muitas palavras moram acordadas em nossos sonhos. Enquanto sonhamos estamos vivos e quiçá os sonhos nos ajudam a despertar nossos valores.

Você pode nos auxiliar neste sentido, agora. Fique com Deus e não nos esqueça. Seja nossa representante junto ao Pai. Saudades.

O TREM DA VIDA

Era uma aventura ansiosamente esperada, uma viagem de trem, com saída de Erechim, em vagão de segunda classe, quando nós, juvenistas, viajavamos para as férias. Eu vinha até Passo Fundo, outras desciam pelo caminho. Quinze dias após, o retorno.

Café com pão..., café com pão...

Naquele sacolejar contínuo, os dormentes da linha férrea gemiam ao peso monstro das velhas máquinas e vagões.

Piuí... piuí..., alguém vai descer aqui?

E, em cada pequena estação alguém descia, pois por ali residiam seus familiares.

Hoje, décadas passadas, sentindo já o peso dos anos, muito trabalho realizado, imaginemo-nos novamente tomando o trem. Não mais para nos dirigirmos a um colégio para jovens, mas o trem da vida. A vida é uma viagem e cá estamos nós da Oficina da Palavra, embarcados no mesmo vagão desde 1991.

Nestes vinte e três anos, revezaram-se seus viajantes. Enquanto novos passageiros ocupavam assentos, outros desciam dele, quer levados pela necessidade de descanso, impossibilidade de continuar pela falta de saúde, ou por haverem chegado à estação final.

Um dia todos chegaremos ao final da linha.

Entreí neste vagão abençoado e iluminado, em setembro de 2000. Ambiente admirável. Seus ocupantes respiravam saber, exalavam experiências e davam lições de vida.

De imediato chamou minha atenção uma senhora tranquila, calma, que falava e escrevia corretamente, que conhecia toda a história

da cidade de Passo Fundo, que junto com seu esposo já falecido, fizera muito pela sociedade, inclusive fundando a APAE. Seu nome: ALICE SANA COSTI. Marcou-me sua presença. Desceu do trem por motivos de doença. Faleceu há pouco mais de um ano, tendo mantido a lucidez até o fim de sua longa vida terrena.

Outros passaram pelos vagões...

ORFELINA VIEIRA DE MELO. Uma das fundadoras do CREATI. Líder, dinâmica, ativa, larga visão, lutadora, forte, corajosa. Até a morte encontrou dificuldades em levá-la dada sua vontade ferrenha de viver e trabalhar em prol da sociedade.

HERBENI OTTO FACCHINI. Cadeira cativa desde a ocupação deste vagão. Culta, inteligente, bem humorada, tinha enorme facilidade de escrever. Cresceu com a cidade. Descrevia em cores a vida da família e de Passo Fundo. Era dotada de muita generosidade e grandeza de coração. Deixou o vagão por razões de saúde, e a todos nós com saudades. Nos alegria ouvir notícias desta passageira, mesmo que distante de nosso trem.

PALMIRA BATISTA FERNANDES. A nossa doce Palmirinha, nossa joia. Calma, tranquila, humilde, de uma riqueza interior invejável. Seus escritos eram ternos, simples, meigos. Falava pouco e por seus lábios só passavam palavras sábias. Passou a vida fazendo o bem. Deixou-nos por suas limitações físicas causadas pelo avançar dos anos. Pouco depois, foi recebida pelo Pai, com a divina recompensa.

ZAIDA CAMARGO. Desceu inesperadamente de nosso trem. Era relativamente jovem. Submeteu-se a uma cirurgia, da qual não retornou. Senhora distinta, bom gosto no vestir, escrevia e falava corretamente. Seus textos e poesias denotavam um quê de tristeza, dentre eles, Solidão, O Fim, Meus Sonhos, Maior que a Mágoa, Onde estás Solidão.

ENY SAMPAIO. Convivi pouco com ela, mas seus escritos marcaram. Tinha muita facilidade de escrever e sua declamação ou leitura

conferiam-lhe uma aura de grandiosidade. Jamais esquecerei sua última participação em Sarau, quando declamou “Lembranças”.

ROSA REGINATO CARLOS. Viajou por muitos anos nos assentos de nosso vagão. Era de uma simplicidade incomum. Mulher corajosa e lutadora. Enfrentava os problemas de frente. Contava com detalhes pitorescos os fatos marcantes de sua vida, mas tinha muita dificuldade de passá-los para o papel.

DARCY CANCIAN. Viajante especial, o seu Darcy. Sincero, amigo, dotado de uma sensibilidade invejável. Gostava de escrever. Seus textos eram carregados de emoção. Basta reler: As Casas tem Alma, Envelhecer... Sua presença nos fazia muito bem.

LIZETTE MEDAGLIA. Pessoa muito distinta. Acho-a poeta nata, mergulhada em romantismo. Seu último livro, Sempre Te Amei, comprova.

DALVA QUEVEDO. Deixou-nos recentemente, em abril de 2012. No seu caso, a morte derrubou-a do trem e lhe ceifou a vida com sua gadanha cortante. Dalva tinha todos os motivos para querer viver. Havia, inclusive, pedido para guardar sua vaga na Oficina Literária. Suas silenciosas lições de humildade e simplicidade ficarão sempre entre nós.

E segue a viagem. Café com pão..., café com pão..., sobe Maria, desce João. E o trem vai e vem e os dormentes gemem... Piuí... piuí... quem desce aqui?

NEGA DALVA

Hoje estou emotiva, até um pouco revoltada. Sinto a impotência do ser humano ante o mistério da vida e da morte. “A vida não tem sentido nenhum. Quem veste a vida de sentido somos nós, quando podemos”, diz Pablo Moreno em sua coluna ao Jornal O Nacional, em 14 e 15 de abril de 2012.

E a gente é impotente diante da morte.

Olhava, pela manhã, a colega inerte em seu caixão mortuário. Semblante sereno, tranquilo, dormindo o sono eterno. Ela não quis estar ali, mas estava.

Muita dor aos familiares e pessoas achegadas, por sinal poucas.

Dalva passou a vida fazendo o bem, encoberta pelo véu da humildade. Agia de mansinho sem uso de trombones e cornetas.

A cerimônia de encomendação foi simples, singela, aconchegante e reconfortante, num clima de tranquilidade e paz.

Após a cerimônia religiosa, tomando a palavra um seu enteado, teceu bravos elogios e agradecimentos à “Nega Dalva”, expressão que achei de um carinho sem par, dizendo que o pai, antes de falecer, pediu que cuidassem bem da “Nega Dalva”. Penso que devem ter feito, dado o carinho que demonstraram ter entre si e com a mãe que os criou.

Dalva foi nossa colega na Oficina Literária. Todas as quartas-feiras chegava em suas vestes escuras e severas.

Pele morena, alma nobre e coração generoso. Primava por sua humildade, simplicidade, honestidade, generosidade e inteligência.

Era reservada e extremamente comedida. Sorriso fácil, transmitia paz e tranquilidade.

Deixou-nos muito rapidamente não nos dando o tempo de assimilar esta possível grande perda.

Ela jamais estará conosco. A cadeira por ela ocupada permanecerá sempre vazia, mas seus exemplos de vida hão de permanecer conosco para sempre.

Lamentamos sua perda. No entanto, a fé que temos nos diz que ela já recebeu a recompensa pelo bem aqui praticado. A visão de Deus, por si só, já é a maior recompensa.

Dalva, “Nega Dalva”, seja eternamente feliz. Cuide dos seus.

ESCREVA, BRANDÃO

Parabéns, Brandão. Você é praticamente completo.

A leitura que cultivou desde criança, na escola que tinha em família, tendo o pai como mestre, lhe deu o rumo certo a seguir.

Você está impregnado de literatura. Ela é o ar que respira, o alimento que o sustenta.

Você mesmo diz, em palestra recente, que foi recuperado pela literatura.

Através dela você se tornou observador, criativo, sensível, corajoso, de larga visão, extremamente culto e inteligente.

“A literatura olha o futuro e há gente fazendo este país andar.”

Pena que as pessoas responsáveis por fazer este país andar, tenham se deixado tomar pelo gosto da podridão, pela corrupção, pela inversão de valores, pela fraude, pela exploração...

Brandão, você escreveu uma carta para a Presidente Dilma, ressaltando a grandiosidade das Jornadas Nacionais de Literatura, realizadas a cada dois anos em Passo Fundo, dizendo-lhe da não realização da 16ª Jornada, cancelada por falta de recursos. Aponta-lhes o meio para que se realize, se salve do enfarte que sofreu, seja levada para a UTI e se tomem as necessárias medidas para sua realização.

A bem da verdade, não é falta de recursos específicos para a realização de evento de tamanha envergadura, mas a má aplicação dos mesmos antes que sejam destinados a patrocinar fins tão nobres.

É o desvio, o superfaturamento, a cegueira moral que afetou as pessoas que deveriam ser corretas e justas.

Brandão, que tal uma outra carta ou quantas sejam necessárias para a Presidente, no intuito de abrir-lhe os olhos, fazê-la ver que a realidade do país não é a que emana de Brasília, onde a corrupção reina impune.

Estará a Presidente a par da crise econômica por que atravessa o país? Saberá ela que a população reduziu em muito a cesta básica, que só compra o estritamente necessário? Que os pobres estão cada vez mais pobres e a classe média está decaindo? Que o desemprego atinge cada dia maior número de famílias? Que a saúde e a educação estão na UTI, qual a Jornada de Literatura de Passo Fundo? Que os hospitais do SUS estão a cada dia mais sucateados? Que muitíssimas pessoas morrem nas filas a espera de um atendimento médico? Que as taxas e impostos aumentam a cada dia e não há donde se tirar dinheiro para quitá-las? Que a população está descrente e não sabe a quem apelar?

Brandão, por vezes o poder corrompe: quem sabe um tratamento de choque para os responsáveis voltarem à realidade?

Sabe, Brandão, a população sofre calada ou reclamando a quem nada pode fazer, por falta de coragem. Se o país tivesse voz e vez de pronunciar-se, de expressar seu descontentamento, talvez a coisa mudasse. Contudo, é mais fácil viver deitado em berço esplêndido como fala nosso Hino Nacional.

VOCÊ FAZ SUAS ESCOLHAS E SUAS ESCOLHAS FAZEM VOCÊ

Sábua esta afirmativa de Steve Beckman. E este atributo, a liberdade de escolhas, nos foi dado pelo Criador. Muitas vezes seria necessário que Ele nos advertisse de uma escolha menos boa que fazemos. Aliás, Ele nos adverte, nós é que não lhe damos ouvido. Ainda resta a oportunidade de desistir e retornar.

Esta afirmativa de Beckman fecha com a escolha que fiz, escolha impensada, quando no começo da adolescência, levada pela ilusão de uma vida fácil, bonita e a convite de uma colega tão jovem quanto eu, fomos para o colégio interno com o fim de nos tornas religiosas. Escolha boa, lógico, mas não fundamentada numa vocação.

Formação rígida e disciplina austera foram cobradas desde o ingresso na casa de formação. As regras eram impostas e cobradas. Tudo devia ser bem feito, nos mínimos detalhes. Toda pequena infração era corrigida com rigor.

Esta educação rígida comandada por religiosas europeias que haviam sofrido as agruras das grandes guerras, era aceita por nós com timidez e receio.

Seguido alguma colega desistia, ou era mandada embora; o que muito nos entristecia, pois a amizade nos unia com o tempo.

Os anos passaram e este sistema foi por mim incorporado.

Séria, correta, cumpridora dos deveres, pontual, exemplo para as colegas que ingressavam; até o dia que achei que não era a vida que queria para mim. Foi uma época de sofridas dúvidas até a decisão de voltar à vida leiga.

É claro que ao despir as vestes religiosas, ficou comigo a formação recebida. A escolha me fez integralmente.

Embora passadas quatro décadas e meia desta não fácil decisão, pouco em mim mudou. Foi uma escolha boa, mas não tão acertada, dada a falta de vocação para a vida religiosa.

Os frutos colhidos foram muitos e sou muito agradecida.

FAZE O BEM, NÃO OLHES A QUEM

O jornalista Tulio Milman diz, que “Desconfia da solidariedade barulhenta, de quem só resolve ficar bonzinho em dezembro...” e que, “...seria justo prestar mais atenção em quem faz o bem o ano inteiro”.

Há muitos que fazem o bem no anonimato, o ano inteiro, a vida inteira. Estas pessoas não precisam de marketing. Elas sentem o prazer interior, sabem que a recompensa vem e isto lhes basta.

Quero me referir aqui a um grupo de doadoras anônimas, em torno de vinte e duas senhoras – entre as quais me incluo -, que no dia 28 de julho de 2015, completaram quinze anos de intensa atividade e doação ao próximo.

Por iniciativa própria, este grupo, inicialmente de doze amigas, reuniu-se para, com restos de lã, linhas e doações, confeccionar cobertores para pessoas necessitadas. Trocando ideias, concluíram que a confecção de enxovais para recém-nascidos de mães carentes, viria suprir a necessidade de maior número de pessoas.

Estipularam a cobrança de pequena taxa mensal, solicitaram doações e, com o resultado obtido, compraram lã em novelos para fazer casaquinhos, sapatinhos, mantas, etc.

De comum acordo, resolveram dar ao grupo recém fundado, o nome de “Aconchego”, por duas razões: primeiro, para que a criança que acaba de nascer seja acolhida com a maciez e o carinho que caracterizam cada peça que é feita; segundo, porque é aconchegante às senhoras do grupo, sentir-se bem ali a cada encontro e receberem a si e a seus trabalhados, todo o valor.

A alegria é a marca determinante das pessoas que toda quinta-

-feira à tarde se reúnem numa das salas da Paróquia Sagrado Coração de Jesus. Tudo que ali se faz, é feito com amor e carinho.

Em cada encontro são montados dois sacolões e levados por duas senhoras do Grupo, ao Hospital da Cidade, onde são entregues diretamente às mães carentes, que por vezes não tem absolutamente nada para o recém-nascido.

Com o passar do tempo, o trabalho do grupo ficou sendo conhecido e recebemos, anualmente, muitas doações em lã, cobertores usados e lençoizinhos, estes adaptados ao uso de bebês, ou aproveitados para fazer cobertinhas.

Muitas mães também nos repassam enxovais que não são mais usados por seus filhos e nós os redistribuímos aos pequenos que continuamente chegam.

O Pai, que tudo vê e sabe, terá para todos os que fazem o bem, a merecida recompensa.

Por ora, fiquemos com a satisfação interior do bem que é praticado.

PARTE III
VIVÊNCIAS...

A ARTE DA VIDA CONSISTE EM FAZER DA VIDA UMA OBRA DE ARTE

Este foi o lema escolhido pela turma de formandas do curso ginasial do Colégio São José de Erechim, nos idos de 1955, entre as quais eu me incluía.

Tenho certeza, não foi escolhido por lhe entendermos o significado, mas porque soava bem, por conter poesia e romantismo.

Esta afirmativa fez sua morada em mim, muitíssimas vezes veio à tona e juntas, relembramos o passado e vivemos o presente. Sempre lhe afirmei que é profunda, causa impacto e é muito sábia.

Viver é uma arte, digo mais, um mistério, pois entendemos muito pouco da vida.

No palco da vida somos atores de nossa própria história; não há porque invejar a profissão privilegiada dos artistas!

Às vezes somos meros expectadores; noutras, atores coadjuvantes. Seguidamente, a vida nos oferece peças em que somos os atores principais, nos cerca de dificuldades que exigem de nós muito esforço, trabalho e superação.

“O que a vida quer da gente, é coragem.”, diz Guimarães Rosa.

Dia após dia devemos vestir a couraça da coragem e enfrentar o maior inimigo que temos, ou seja, nós mesmos. A vida é um contínuo aprendizado. Cada dia nos surpreende com novas lições, as quais exercitamos na prática.

Na grande sinfonia da vida, é preciso que toquemos com afinção o instrumento que nos é dado e tenhamos a sensibilidade de ouvir e

admirar a arte e a capacidade de quem toca ao nosso lado.

E Elisa Lucinda, para quem a vida é pura poesia e arte, diz:
“A vida é uma colcha de retalhos, bordada com personagens comuns, pescados no mar do cotidiano, bordada como quem vai bordando a existência, como quem colhe poesia pela vida afora e traz notícias de melodia que não se perdeu, que parece coisa inventada...”

A minha colcha de retalhos é a minha obra de arte e já vai bem adiantada. Cada retalhinho nela aplicado tem sua história, a minha história...

SONHO MEU... SONHO MEU

Todas as famílias deveriam ter um sítio. Não haveria necessidade de ser uma área extensa que exigisse suor para cuidar... Coisa pouca.

O meu teria uma casinha, tipo bangalô, bem ajeitadinha, clara, com boa passagem de ar em suas poucas repartições.

A peça essencial seria a cozinha, onde arderia o fogão a lenha, fantasma de um mundo que não mais existe, uma geladeira e uma mesa redonda que ocupa pouco espaço e, ao redor da qual, se acomodam muitas pessoas.

Este meu bangalô estaria bem próximo da mata onde o gorjear matutino dos pássaros seria meu despertador.

A um lado da casa cultivaria uns canteiros com temperos e alfaces. À frente, abrindo caminho para a moradia, plantaria árvores frutíferas de pequeno porte.

A água fresca e pura viria de um poço cavado na terra trazida às torneiras por uma bomba que encheria a caixa d'água.

Seria muito interessante, no piquete, pastar um cavalo de montaria e, num cercado, ciscarem algumas galinhas poedeiras, onde o galo cantor anunciaria a chegada das visitas.

Que mais poderia querer eu, que sob a sombra de uma árvore instalaria uma cadeira de balanço onde passaria os mais agradáveis momentos crochutando, bordando ou lendo?

Haveria rotina mais desejada, ainda mais sabendo-se que a rotina é a palavra que na prática mais muda? A rotina de hoje, mesmo repetida, nada tem a ver com a de ontem.

De espaço em espaço, largaria o que tenho nas mãos e surpresa, ficaria a olhar o firmamento azul, em absoluto silêncio, onde, por entre algumas nuvens, admiraria os pássaros que, quais pandorgas ao vento, enfeitam o espaço vazio em seus voos ritmados.

A natureza é, depois do homem, a mais bela criação de Deus, que a fez para sua criatura maior. É uma bênção, um milagre da renovação. Ele, o mais sábio jardineiro, sabe do que a natureza precisa para renovar-se e ficar cada dia mais encantadora. E lá vem a chuva que a rega, o vento que espalha as sementes, o sol que aquece...

A nós cabe o sentimento de gratidão e compaixão por aqueles que não têm olhos para ver e o coração para comover-se diante do milagre da natureza.

Num ambiente tão seleta, em afinidade com a natureza e com o Criador, longe da dualidade de intenções dos seres humanos que ora amam, ora odeiam, a mente tranquila, o coração leve, só restaria um sentimento: gratidão.

“Quando alguém sonha sozinho não passa de um sonho, mas quando muitas pessoas sonham juntas, pode tornar-se realidade.” – Dom Helder

ESCOLA DO CORAÇÃO

Jamais esquecerei. Era a tarde de dezenove de março de mil novecentos e setenta e três.

Para este dia, a Diretora da nova Escola, Hilda Fin, convocara a primeira reunião do corpo docente, por sinal, bem incompleta.

Eu fui a primeira funcionária a chegar à Escola, vindo logo a prof. Sueli Cecchin, seguida por Nieda de Carli Bissani.

Eram só expectativas...

Construção moderna para aqueles longínquos anos, a escola era imponente, espaçosa, arejada. Uma quadra inteira para uma escola de bairro, numa localização privilegiada. Tinha tudo para tornar-se grande e fazer história, a Escola Básica Professora Zélia Scharf.

Ao redor, pouquíssimas casas, ruas mal traçadas, sem calçamento algum, iluminação bem precária.

As quadras próximas à Escola, desabitadas, ocupadas pelo mato, local propício para esconderijo dos mal intencionados.

Muito próximo à Escola, uma casa de prostituição, de cujo local, já cedo da noite, a música alta repercutia por todo o bairro, que era conhecido como Bairro da Lagoa.

As duas primeiras providências tomadas pela direção da nova Escola: solicitar junto à Delegacia de Polícia o fechamento da referida casa, no qual, fomos rapidamente atendidos; e um levantamento junto aos alunos, para a troca do nome do bairro, o qual passou a chamar-se “Bairro Presidente Médici”.

Não foi fácil o início das atividades. Foi preciso organizar a secretaria, os livros, fazer as matrículas, completar o Corpo Docente, distribuir as turmas; enfim, começar do nada...

Não havia móveis, carteiras, cadeiras...

Para não tardar muito o início das atividades escolares, tomamos emprestadas cadeiras e conseguimos longas tábuas. Colocamos as cadeiras de apoio para as tábuas. Assim, os alunos sentavam sobre estas para ouvir o professor e para escrever sentavam no chão e usavam as tábuas para apoio dos cadernos.

Aos poucos, os móveis foram chegando para substituir os improvisados.

A Escola foi tomando corpo, cresceu, expandiu-se, tornou-se conhecida, criou forma e fama.

Hilda Fin, a primeira Diretora, doou tudo de si para o engrandecimento do educandário.

Eu, que deixara a Coordenadoria local de Educação de Coronel Freitas e Quilombo, vim para o cargo de Auxiliar de Direção, onde permaneci por muitos anos.

A Escola “Zélia Scharf”, como era carinhosamente chamada por todos, foi motivo de muitas alegrias. Trabalhava-se com amor, dedicação. Zelava-se por ela, pela ordem, disciplina e bem-estar dos alunos e professores.

A Diretora e eu trabalhávamos juntas, dividindo responsabilidades. Para nós, Zélia Scharf era o filho do coração, nosso orgulho, nossa vida.

Trabalhei nesta Escola no período de 1973 a 1985, quando me aposentei. Afastei-me curto período para assumir a Direção da Escola Irene Stonoga e, em outra época, em que fui para uma repartição federal, ficando afastada por um ano.

Pelo quanto de realização pessoal desfrutei desta Escola, professores, funcionários e alunos, devolvo em votos de progresso, crescimento e bons serviços prestados à comunidade escolar e ao bairro que abriga o “Zélia Scharf”.

OS PEDAÇOS QUE PERDI

“Fui sabendo de mim por aquilo que perdia.” - Mia Couto.

Fico extremamente encantada com a maneira de algumas pessoas se expressarem.

Que afirmação bem linda e profunda de se dizer que ele só foi se conhecendo à medida que ia deixando as coisas de si para trás, que as ia perdendo.

E pensando bem, isso ocorre com todas as pessoas que param e refletem um pouco sobre si.

No meu caso, tive uma infância muito feliz em companhia dos pais e irmãos que eu idolatrava.

Por obra do destino, alguém diria. Eu, no entanto, não acredito nele.

Aos doze anos, deixei o aconchego da família e fui para o colégio interno.

Mia Couto diria que saiu um pedaço dele. Eu digo que perdi a metade de mim. Quem iria substituir os cuidados, o carinho, a companhia, a liberdade que se tinha em família, naquele lugar maravilhoso junto à natureza?

Chorei muito, não conseguia dormir, perdi o apetite.

No Colégio, tudo era metódico, tudo na hora certa, tudo vigiado, muita reprimenda. Passava-se o dia sem falar e, para a idade, o trabalho era muito e bem pesado.

Mudei totalmente: não ria, não falava. A mestra era muito severa e exigente. Inspirava medo.

Fui perdendo partes de mim cada vez que alguma colega nos deixava para voltar para casa ou era mandada embora.

Quando eu falei que queria sair, já em adiantada formação na vida religiosa, a mestra disse: “O que irão dizer seus pais?”

A esta altura eu já havia perdido muito de mim, estava quase deformada, mas fui continuando...

No dia que me decidi para uma vida nova, perdi mais boa parte de mim. Senti-me só, sem apoio, sem rumo.

Foi ali que resolvi reconstruir-me, que vi que devia agir por mim, que não mais devia explicações a quem quer que fosse, aprendi a não dar mais ouvidos a críticas e comentários.

Ainda fui perdendo partes de mim, até hoje; mas como diz Clarice Lispector: “Sou aos poucos o que já fui e ainda serei amálgama pensante de ideias e sentimentos.”

Hoje, acredito que mais reconstruí do que perdi.

A vida é mestra por excelência e a gente cresce, amadurece e produz. É preciso viver para aprender, contar e ser. É preciso perder, se perder às vezes...

PATCHWORK

Trabalho com retalhos. É uma técnica que une tecidos com uma infinidade de formatos.

Registros históricos informam que a arte de unir tecidos remete ao século IX antes de Cristo, quando o homem aprendeu a tecer.

Do Oriente para o Ocidente, mais precisamente para os Estados Unidos e Canadá, foi trazida pelos colonizadores em meados do século XVII.

Este trabalho utiliza as mais variadas técnicas, que foram transmitidas por mães e avós para suas descendentes.

Até 1851, quando surgiu a máquina de costura caseira, tudo era feito manualmente, num trabalho muito demorado, mas rico em detalhes.

Patchwork em si, é a parte superior da peça. O trabalho completo inclui a manta acrílica e o tecido de fundo, tudo preso pelo ‘quilting’, ou seja, o acolchoamento.

Esta arte de unir formas e cores as mais variadas possíveis, exige de quem a ela se dedica, bom gosto, perfeição e sensibilidade.

Os resultados são impressionantes.

Mesmo sem o nome e conhecimento da técnica, nossas mães e avós, aproveitando sobras de tecidos das costuras e remendos, faziam belas peças decorativas.

A união de tantos retalhinhos, forma um lindo painel que gosto de comparar à vida. Dia após dia, vamos incluindo, no painel de nossa existência, um pequeno retalho a mais.

Uns mal unem alguns tecidinhos e são levados desta existência; outros conseguem fazer alegre peça de razoável tamanho, mas o trabalho fica inacabado por alguma razão.

Alguns, por sua vez, vão tecendo maravilhoso e significativo painel, até a borda final. Sua vida foi plena e rica de ações e lições.

Nem todos conseguem fazer o ‘quilting’, a costura em ondas que faz o acolchoamento da peça e a torna riquíssima de beleza.

Considero o ‘quilting’ os caminhos percorridos na vida, tortos, irregulares, com pedras, curvas e espinhos. Por vezes largos e planos, outras, estreitos e íngremes.

Nem tudo na vida são flores, mas nada como um dia após o outro. Com calma e persistência superamos os dissabores da vida.

Eu queria que o meu painel, colorido e bem feito, chegasse ao fim, com aquele ‘quilting’ maravilhoso e com o acabamento final; e que ao olhá-lo pudessem dizer: sua vida valeu a pena, foi bem confeccionada, bem trabalhada, bem vivida!

COMO DOU SENTIDO À MINHA VIDA?

É muito fácil falar bem ou mal de alguém. Criticá-lo por seus erros ou defeitos.

Dificilmente em um grupo de pessoas nos detemos a falar de nós.

Em se tratando de relacionar nossas qualidades ou defeitos, nos perdemos. Infelizmente não nos conhecemos. Não é fácil penetrarmos em nosso interior, vasculhar os recônditos de nosso ser, os cantinhos onde se instalam nossos sentimentos, ver as boas tendências que ali se aninham, sabermos aplicá-las em nosso favor ou em benefício de outrem, descobrir as tendências menos boas, o que fazer para corrigi-las e sermos árvores de bons frutos.

Pelo fato de não nos conhecermos a fundo e não desenvolvermos as qualidades que não sabemos possuir, passamos a vida sem viver plenamente, sem nos darmos por inteiro em benefício próprio ou dos outros.

É célebre a máxima “Conhece-te a ti mesmo”, já usada por Sócrates e Platão no antigo Egito e na Grécia antiga.

Eliane Brum diria, em outras palavras: “[...] tem gente cuja vida acontece e, outras pessoas não existem, desacontecem.”

Nem a vida nem a morte delas acontece. Passam a vida em branco, sem dar nada de si a si mesmo nem aos outros. Simplesmente desacontecem.

Aprendemos a ser através da educação recebida de nossos pais, na infância, e aprofundada, ao longo dos anos através da formação, da vivência e do esforço pessoal.

Lembro de um rompimento em minha vida, o que muito me acometeu em momento que eu mais precisava para ser eu mesma.

Minha mãe chorando ao pé da escada de nossa casa, despachou minha infância, enquanto meu pai carregava, às costas, a mala da minha precoce vida adulta.

Perdi minha infância no caminho de casa até a entrada do colégio onde fixei residência. Eu era grande e forte, mas tinha treze anos incompletos.

Da primeira noite ali dormida e diga-se, mal dormida, acordei adulta, com uma carga de responsabilidades.

Onde ficou minha alegre infância? Como teria sido minha adolescência da qual nem ouvi falar?

Lembro sempre que assim que chegasse ao colégio uma nova candidata à vida religiosa, mandavam-na trabalhar comigo, pois eu era “responsável”. Sentia um secreto orgulho ao ouvir isto de mim.

Lógico que houve desacontecimentos importantes em minha vida. Pulei etapas como diversões próprias daquela idade, festas, namoricos... Aliás, sofri de um enamoramento casto, como diria Isabel Allende em seu livro “Paula”.

A formação severa recebida naquele educandário fez-me erguer a cabeça, avançar com postura e seriedade, por vezes recolhendo os cacós de algum desmoroamento e, no fim, achando que a vida era aquilo mesmo.

Hoje sou adepta do “nada como um dia após o outro”, sem levar a vida a ferro e fogo e sem martirizar-me com perguntas do tipo: Será que minha vida está de acordo com o fim a que fui criada? O que é que não acordei ainda dentro de mim? Sou um sinal para os outros? Como dou sentido à minha vida? Em que sentido?

Minha consciência não me recrimina. Estou muito de bem comigo mesma.

E vou dizer mais: a vida não deixa de ser um mistério e um milagre a cada dia.

ELAS, NOSSAS AVÓS

Vestiam saias escuras e franzidas que quase tocavam o chão, avental também escuro e longo, mangas compridas.

Cabelos feito coque, sempre protegidos pelo sagrado lenço escuro.

Era uma figura austera a de nossas avós, assim trajadas. Inspiravam respeito e, até, um certo medo.

No entanto, sob esta austeridade, pulsava um coração doce e bondoso.

Para mim, criança naqueles longínquos e bons tempos, as avós eram todas muito prendadas. Mãos enrugadas, pele fina e ressecada, eram ágeis e hábeis em fazer trança com palha de trigo, com a qual costuravam, à mão, chapéus para toda a família e faziam lindas cestas para se levar produtos como queijo e ovos ao mercado, ou para se colocar o material escolar.

Uniam os retalhos que sobravam das costuras e faziam lindos tapetes ou colchas para as camas. Não sabia e não era preciso saber, que com esta técnica estavam fazendo a arte do Patchwork, hoje muito conhecida.

Nas paredes dependuravam panos por elas bordados com flores e desejos, tais como: “Seja bem-vindo” ou “Deus abençoe este lar”.

Faziam tapetes com tiras de meias ‘*strakam*’, que colocavam nas portas.

Lindíssimas as toalhas que faziam abrindo bolsas de açúcar, desfiavam e amarravam franjas num trabalho demorado e paciente, o hoje conhecido Macramê.

Em geral, criavam numerosa família a quem educavam com muita rigidez. Daí vinha a necessidade de muito trabalho para o sustento dos filhos.

Benditas as sagradas mãos que tanto trabalharam; benditas para sempre queridas e bondosas avós.

O DESCONFORTO QUE NOS CORA A FACE

Li e reli de Maria Sanz Martins, “Todo Mundo”. Achei lindo, engraçado, remeteu-me ao passado. As lembranças em mim tomaram forma e criaram um trânsito incontrolável, desordenado, intransponível. Misturaram-se lembranças, emoções, saudades, idades.

Bem escreve a autora do texto em seu penúltimo parágrafo: “Temos um mundo inteiro dentro da gente – sol nascente, lua crescente, arco-íris, catástrofes, incêndios e enchentes. Somos um mistério profundo – talvez jamais saibamos de onde viemos ou para onde vamos. Somos, sobretudo, confusos”.

Eu sou do parecer que é esta confusão que torna a vida interessante, que nos leva a extremos em nossos sentimentos, que nos capacita a saborear as mais diferentes emoções em curto espaço de tempo, que nos leva ao esquecimento.

E como é bom o esquecimento! Por vezes ele abre espaço em meio àquele emaranhado de coisas guardadas em nossas gavetas secretas e vem à tona para nos lembrar de coisas que se passaram conosco há décadas, quando éramos crianças ou quando adultos jovens ou em quaisquer épocas da vida, trazendo-nos as mais diferentes emoções que por vezes nem gostamos de lembrar.

Uma dessas, nem de tão antigamente, daquelas que poderiam ficar bem no fundo, mas que teima em vir à tona e que garanto, não caberia na relação de Maria Sanz Martins.

Entrei no elevador juntamente com outros moradores. Distraidamente, apertei um número no quadro de andares, um número, porque

não foi o número que me levaria ao andar de meu apartamento. Chave em punho, saí do elevador e fui na direção costumeira. Enfiei a chave na fechadura, girei, abri e entrei. Estava um lusco-fusco. Estranhei a mesa fora do lugar, uma bolsa sobre ela que não era a de minha filha, pois eu estava só em casa. A cadelinha não veio me receber...

A ficha demorou a cair. Não era o meu apartamento! Passou-me um calafrio pelo corpo, o suor aflorou no rosto. Saí de mansinho, fechei a porta à chave, fui para o elevador e dirigi-me ao andar de meu apartamento. Tive uma sensação horrível.

A sorte é que o morador (a) não devia estar, pois não ouvi movimento algum.

Se ninguém tivesse visto minha gafe, passaria por isto, mas ao descer do elevador um vizinho da frente tomou comigo a mesma direção. Ele abriu a porta certa, eu invadi um apartamento alheio!

No mesmo instante, interfonei para a moradora do apartamento em frente ao que invadira e subi para justificar-me, já que fora vista pelo filho desta.

Expliquei-me, acalmei-me e rimos ao final.

Até hoje, decorridos alguns anos, não sei quem mora no apartamento que invadi. É bom ele não saber que as chaves dele e as minhas, abrem ambas as portas.

Pergunto: e a segurança, onde fica?

Outras coisas um tanto chatas não caberiam na relação de Maria Sanz Martins, como cair em pleno restaurante e quebrar três ossos; cair em plena avenida central... São coisas extremamente chatas, mas que acontecem.

Que graça teria a vida se tudo fosse perfeito? Não passaria de uma estressante monotonia. Ao esquecimento, os merecidos louros!

A VIDA E O RIO

Fantástica a comparação da vida a um rio.

Nasce pequeno, desvia obstáculos, corre manso, abre sulcos, avança, joga-se do alto da montanha por entre penhascos, puro, limpo, refrescante, belo, maravilhosamente belo, cantando por entre as pedras a doce cantilena da paz, da mansidão, do aconchego, da vida.

Transpostos os obstáculos, vencidas as barreiras, missão cumprida, ele vai calmo ao mar, espalhando o bem por onde passa.

A vida é isto: desde o nascimento, enquanto avançamos em idade, diminuimos a distância que nos separa do mar eterno, nosso Criador e Pai. E no nosso correr, levamos uma missão da mesma forma que o rio: dar vida, cantar, umedecer as margens, produzir energias... e, ao final, o Pai nos espera como o grande mar ao rio. Nele há lugar para a água de todos os rios. Importa navegar sempre, superando os obstáculos sem nos deixarmos vencer pelo cansaço, pelos falsos valores, com o olhar sempre voltado para o alto, para o infinito.

A idade torna a pessoa mais introspectiva, consciente, mais justa na atribuição de valores, sabendo sobrepor o espírito à matéria.

A perseverança é um dos maiores valores do espírito. O importante não é começar bem, mas permanecer no bem, e embora exaustos, machucados pelos encontrões e pelas quedas, chegar ao fim.

A pessoa que sabe fazer da vida uma obra de arte, deixa transparecer de seu semblante e de seu olhar, muita serenidade, paz, ternura.

Ela não maldiz os espinhos, mas exalta a beleza da flor; nas agruras do dia-a-dia espalha sorrisos e agradecimento. Ela faz da vida um hino ao Criador.

Não é fácil viver bem; é preciso recomeçar sempre e do meio do campo minado de joio, saber separar a semente do amor, fonte de todo o bem.

É uma bênção a convivência com pessoas portadoras da verdadeira sabedoria que, conhecem os segredos de pendurar sorrisos de alegria e gratidão até nos galhos secos do cotidiano.

POR QUE ESCREVO?

A escrita sempre me atraiu. É algo mágico. Você imprime o seu “eu”, sua “personalidade”. Ela revela o seu íntimo

Aprendi a escrever com uma mestra suíça, a Irmã Priscila, nos meados do século passado ou mais precisamente em 1946.

Tinha de seis para sete anos. Era totalmente ‘chucra’, mas não tive dificuldade alguma no aprendizado da escrita e da leitura.

Naquela época era usada a lousa, pedra de ardósia e a pena do mesmo material. A lousa trazia uma fina moldura em madeira.

Uma vez preenchida a lousa, tudo era apagado para receber novo conteúdo.

Desde a primeira série do ensino primário, fazia-se caligrafia e a professora era muito exigente quanto à escrita bem legível. Num dos lados da lousa, eram traçadas linhas duplas para a prática da caligrafia.

Mas vamos ao que interessa: por que escrevo?

Em primeiro lugar, para satisfazer meu gosto pela escrita, ou seja, porque gosto de escrever. Uma página totalmente preenchida por mim, me dá certo prazer. Vejo um pouco de mim naquele emaranhado de caracteres desenhados.

Em escrevendo, não esqueço o que leio ou penso. Imprimo meus pensamentos. A escrita é a fotografia do pensamento. Legal, não?

Escrevo porque posso deixar algo de mim para os que me são caros, para que meus netos, que espero tê-los, leiam e me conheçam através da escrita.

Penso o mesmo com relação a meus trabalhos manuais. Ao colocar uma colcha por mim crochetaada sobre a cama, lembrar-se-ão de mim. O mesmo acontecerá com aquela toalha de mesa por mim bordada ou pintada.

Será isso egoísmo ou a garantia de não ser facilmente esquecida?

Já pensou que se desde os primórdios da humanidade não tivessem inventado a escrita, como chegariam até nós os conhecimentos das primitivas civilizações?

A escrita é a janela aberta para o mundo e eu gosto de utilizar-me desta janela, através da qual se veem grandes distâncias.

CURVEMO-NOS À FÚRIA DOS ELEMENTOS DA NATUREZA

Tudo na natureza é, ou melhor, foi, muito perfeito quando de sua criação. E Deus pôs neste mundo perfeito a sua obra maior, com a ordem de cuidar de tudo.

A humanidade cresceu, evoluiu e foi como que reinventando a criação, destruindo a harmonia das coisas, estragando o projeto inicial.

A natureza não aceitou esta intromissão, esta desordem total.

O ar que respiramos, revoltou-se mostrando sua não aceitação através de ciclones e tornados de velocidade e força inimagináveis.

A água, elemento puro e indispensável a todo tipo de vida, não suportando mais o desrespeito e mau uso através da poluição, perdeu o controle e aqui e ali a chuva cai em tão grande quantidade que provoca inundações, invade cidades, destrói casas, estradas e pontes, fazendo vítimas. Em contraste às enchentes, regiões inteiras ficam por longo tempo sem ver a chuva cair do céu, vítimas de prolongadas secas.

E o terceiro elemento da natureza quando enfurecido, causa muita destruição e pavor.

Felizmente não vivemos em região vulcânica onde a terra abre suas entranhas e vomita lavas de fogo do qual seu centro é formado.

Mas, dia desses, ou melhor, às dezenove horas e vinte minutos do ainda quinze de julho de dois mil e quatorze, um repórter de uma rádio local, apavorado ante o quadro infernal que se desenhava, gritava ao microfone: “um vulcão explodiu em Passo Fundo”.

O fogo começou rápido e se espalhou qual raio pelos três blocos do prédio de quatro andares, escapando ao total controle dos incan-

sáveis bombeiros que, em vão, jogavam água para tentar diminuir as chamas de mais de vinte metros de altura que se lançavam das inúmeras aberturas do prédio.

Uma fumaça negra e tóxica enchia o ar e tomava a direção do vento sul.

Foram quatro horas de luta contra as fortes labaredas alimentadas por elementos favoráveis à combustão, como papelão, tecidos sintéticos e produtos de uma loja de cosméticos, além da grande quantidade de madeira do próprio prédio cujo piso era todo de madeira e dos móveis dos apartamentos ali estabelecidos.

Ao amanhecer o dia ainda havia fogo e o que se via era um monstro esqueleto negro e muitos, muitos ferros das aberturas totalmente retorcidos e suas vidraças estilhaçadas.

Era um quadro desolador. Muitas pessoas perderam todos seus bens materiais.

Mas em meio àquela terrível destruição, não houve feridos ou vítimas, o que pode considerar-se fato relevante. Nem mesmo Chico, o cãozinho de uma moradora, que foi encontrado a um canto do apartamento totalmente destruído, teve seu pelo chamuscado ou suas patinhas queimadas. Estava era muito assustado e sem nada entender daquilo tudo.

PARTE IV
LEMBRANÇAS

SAUDOSA TAPERA

Tapera é uma palavra que calou fundo em mim.

Quando criança, saindo a passeio com papai e passando por antigas moradias abandonadas, ele dizia: aqui é uma tapera ou nesta tapera morava fulano e sua família.

Achava esta palavra ‘tapera’ meio misteriosa.

Se o poeta Odilon Ramos estivesse junto diria: *‘menina, tapera é o que era e agora não é mais. Não são só quatro paredes e um telhado que desaba, mas um passado que se acaba e nem saudades se tem...!’*. e eu ficaria olhando para ele, com admiração e espanto e ele vendo o meu encanto diria: se uma tapera falasse, lembraria de quem a ergueu um dia, com suor molhando a face e o riso iluminando a cara, nem supondo que um dia seu sonho acabasse.

Para mim, o ser humano tem forte ligação com a tapera.

Na infância e juventude, há o crescimento, exuberância de vida, explosão de sonhos que realiza, ou não, na vida adulta.

E Odilon Ramos, fazendo ligação com meu pensamento, voltaria a dizer, que às vezes, o ser humano é feliz, goza da mocidade e sem razão se destempera.

Deixa que a vida entorte, se divorcie da sorte e, quando vê, virou Tapera.

Muitas pessoas tinham tudo para ter uma velhice digna e, tantas vezes, por razões diversas, óbvias ou não, a vida lhe deu as costas e acabam quais tapers abandonadas à sorte.

Faz-se tapera em nossa vida quando nos acomodamos, deixamos de lutar por nossos ideais, tornando-nos sedentários, pessimistas, egoístas, quando nos fechamos em nós mesmos e deixamos de sonhar.

NAQUELES TEMPOS

“Naqueles tempos as casas já nasciam velhas, cálidas, solenes, maternais, sob as telhas portuguesas, em pálidos azuis eram pintadas e em brancos, em ocres e amarelos...”

É extraordinariamente lindo o poema “Herança” de Aparício Silva Rillo que descreve, com arte e emoção, a maneira como aquele povo simples de corpo e espírito vivia há algumas décadas passadas.

Recordar o passado não é saudosismo, desde que não estejamos apegados aos usos e costumes daquela já longínqua época.

Hoje tudo evoluiu, tudo modernizou e as pessoas também aderiram a esta evolução.

Por isso é gostoso recordar e, muito gratificante, ter vivido em tempos tão diversos dos de hoje.

Nossa velha casa, melhor, um casarão para poder abrigar dez filhos mais os tios que só saiam de lá ao se casar, era, em boa parte, cercada por taipa de pedra, recoberta por trepadeiras, de onde o galo anunciava, com seu canto alguma visita para aquele dia. Era aviso certo. Onde não havia taipa, frutificavam muitas laranjeiras, ameixeiras de inverno e camelheiras, a flor preferida de meu pai.

A velha casa, na verdade, eram duas casas, longe uns quatro metros uma da outra e unidas por uma larga varanda coberta, apinhada de folhagens de vaso, muito aconchegante e onde, no verão, nos reuníamos para a sesta e o chimarrão.

A primeira casa tinha uma espaçosa sala com uma mesa muito pesada, onde podiam sentar-se no mínimo doze pessoas. Era a sala de

visitas. Na outra metade da casa estava a cozinha, também com uma mesa grande para as refeições, um fogão a lenha aceso durante todo o dia, um armário para a louça e uma tulha que guardava as farinhas de trigo e de milho ali despejadas quando trazidas do moinho.

Junto a esta primeira casa, uma varanda onde se instalava a vasta e bem fornecida despensa e a grande pia de madeira para a louça.

A segunda casa abrigava seis espaçosos quartos nas laterais de um imenso salão. No canto deste, uma escada que dava para o sótão onde, em barricas, guardavam os grãos de milho, trigo, feijões...

Brincamos muito naquele espaço. Até balanço papai montava para nós, ali.

O porão, sob a casa de dormir, abrigava as pipas de vinho, cachaça e graspa, o que não podia faltar nas casas italianas e, sob a grossa mesa ou dependuradas pelas paredes, muita ferramenta da qual papai fazia uso.

Em frente ao porão, o forno de barro. Se este tivesse memória, só ele saberia contar do número de pães ali assados. Eram de dez a doze, duas vezes por semana e, não eram pequenos.

Depois que eu saí de casa, no início da década de cinquenta, o casarão foi substituído por uma casa estilo bangalô, cinco quartos, duas salas, cozinha, banheiro. Até então era apenas a acolhedora latrina de madeira, disfarçada entre as plantas do quintal.

Dia desses voltei lá. Sabe quando o coração dói no peito apertado?

Lembrei do poema de Odilon Ramos, que diz: *“Tapera é o que era e agora não é mais, é um mausoléu de lembranças chorando seus funerais; é a lembrança de alguém que a ergueu um dia com suor molhando a face e o riso alumando a cara e que nunca sonhou que um sonho assim acabasse”*. Lá está a velha casa, lá estão gatos, cachorros e os galos ainda cantando sobre as velhas taipas, as camelheiras e as

azaleias, as ameixeiras de inverno e os coqueiros esguios; ainda existem algumas roseiras mal cuidadas e um bonito pé de louro.

À porta da casa já não está o velho pai com o semblante cansado e a certeza do dever cumprido, nem a mãe a fazer trança com palha de trigo ou a confeccionar chapéus; também não está amassando o pão, fazendo o queijo ou preparando o almoço.

Mas, o lugar, ainda é maravilhoso, coberto de lembranças queridas.

MEMÓRIAS AFETIVAS

Há fatos na vida que nos marcam e acompanham para sempre. A memória é um prodígio. Tudo grava, tudo registra e por vezes estes acontecimentos sobem à tona e nos trazem boas ou más recordações, como é o caso que ocorreu comigo nos idos de 1946, quando estava na primeira série do ensino básico.

O estudo era a coisa mais séria e prazerosa que se podia imaginar. Havia disciplina, respeito aos mestres e uma vontade muito grande de aprender.

Em maio daquele ano, já lia correntemente. Naquela primeira série primária aprendi, de cor, as tabuadas, as quais jamais esqueci.

Neste ano também, tive vários furúnculos no bumbum, que me impediam de sentar, e eram bem doloridos.

Os bancos da sala escolar eram de madeira, cabendo dois alunos em cada. Se eu sentasse do lado oposto, resolveria a situação, mas como era muito envergonhada, jamais falaria do “problema” para a professora.

Por conta e risco pedi à colega de classe (como era chamado o banco) que trocasse de lugar comigo. Ela assentiu, mas assim que a aula começou, a professora, irmã religiosa vinda da longínqua Suíça, notou a troca e mandou-me imediatamente retornar ao meu lugar, acompanhada de bela reprimenda. Não deu outra: um dos doloridos furúnculos estourou. Cheguei em casa com a roupa toda manchada.

Outro fato que seguido vem à tona é o que relato a seguir. Nas antigas e numerosas famílias italianas, comia-se muito bem. Havia de tudo em abundância e tudo era produzido por lá mesmo. Comprava-se sal, açúcar e café.

Nunca esqueço das prateleiras da despensa lotadas de latas de mel, melado, chimias, banha..., do outro lado a prateleira do pão com o tabuleiro da polenta, queijo e salame.

Não havia controle quanto a hora de se servir. A gente se servia sozinho e, na maioria das vezes, comia-se por gula.

Contudo, tinha um doce que nos era proibido. Era só para as visitas, as comadres que não eram tão poucas. Mamãe fazia doce de figo ou marmelada mais consistente que guardava em caixinhas de madeira com tampa de correr. Dificilmente nos servia tal guloseima mas quando vinha visita, e ela servia o café, abria a caixa e cortava fatias fininhas do doce que dispunha em um prato.

Meu irmão e eu achamos a maneira de, vez ou outra, provar daquele doce especial: mamãe ia de frente para trás e nós vínhamos de lá para cá. Um belo dia nos encontramos. Ela nem procurou os culpados e a surra foi no primeiro encontro.

E a cesta de bolachas caseiras que mamãe dependurava no teto da sala da casa de dormir?

A gente era criança e tinha vontade de alguma guloseima diferente.

Não era conhecida a afirmativa que diz que as melhores coisas devem ser servidas aos de casa.

Adiantava benzer dos vermes!!

VELHO FOGÃO

Quente, aconchegante, amoroso, carinhoso, capaz de ouvir e guardar segredos, dom de unir pessoas e mais, muito mais qualidades. Se fosse um ser humano, seria quase perfeito, mas não é humano o nosso bom e acolhedor fogão a lenha.

Da marca “Geral”, com fama de ser a melhor, era de esmalte branco com ramos de flores que lhe davam um charme especial.

Possuía caldeira para água quente e amplo forno com divisória. Permanecia quente por vinte e quatro horas diárias.

Papai levantava muito cedo, revolvía as cinzas e lá estavam as brasas da noite anterior. Com grimpas de pinheiro e alguns gravetos reacendia o fogo, punha sobre ele a velha chaleira de ferro com água para o chimarrão que tomava sozinho enquanto lia ou relia o “Correio Riograndense” ou a revista “Família Cristã”, muito boa, por sinal.

Clareando o dia, saía para as lides diárias, nos paióis.

Aí levantava a mãe, tomava umas cuias do chimarrão já pronto, armava-se de baldes e caneco e ia para a estrebaria ordenhar as vacas.

De regresso, num panelão, colocava o leite da noite anterior e o da manhã, aquecia-o um pouco e punha nele o coalho para fazer o queijo.

Nós, crianças, a esta altura, estávamos na estrada rumo ao colégio.

À noite, era colocada sobre o fogo uma panela com batatas que, ao levantar, descascávamos, cortávamos em rodela e púnhamos sobre a chapa quente para criar uma casquinha dourada. Comíamos estas ba-

tatas com leite e nos mandávamos estrada a fora, quer chovesse, fizesse frio ou calor.

E o velho fogão continuava sua missão: produzir calor, cozinhar o alimento, reunir a família ao seu redor.

Quanta lenha foi nele queimada. Não havia necessidade de poupar, pois havia muitas matas próximas da casa.

Quanto feijão, arroz, verduras e legumes, carnes, massas cozinhou. Quanta polenta foi mexida na caldeira de ferro colocada diretamente sobre as brasas. Quanto leite ferveu para o café da manhã.

No forno colocava-se lenha para secar se esta estivesse úmida, mas a finalidade principal era a de assar cucas, bolos, bolachas, carnes...

Sem dúvida, o fogão era a peça principal da casa. Impossível viver sem ele, ainda mais numa família numerosa como a nossa.

E o velho fogão jamais fez greve, jamais cobrou pelos serviços prestados, não reclamou de trabalhar feriados e fins de semana. Esquentou mãos e pés, secou roupas, acompanhou o dia-a-dia da família, viu as crianças crescerem, os namorados chegarem, ouviu conversas, histórias e estórias, discussões e repreensões, viu brigas entre irmãos e nunca emitiu opiniões.

Ele foi tão ardente quanto os corações apaixonados, tão amoroso e acolhedor quanto o coração materno, tão compromissado quanto o chefe de família.

Hoje a maioria das famílias, dado o progresso, o substituiu pelo fogão à gás, mas garanto que o velho fogão deixou saudades, sem dizer que a comida feita no fogão a lenha é bem mais gostosa porque feita com mais vagar.

Muitas e boas lições podemos usufruir deste bom e velho amigo, que aqueceu corpos e sonhos ao longo do tempo...

RUAZINHA DA MINHA INFÂNCIA

Esta eu conheci bem. Saia do portãozinho de nossa casa e conduzia ao que hoje é a RS324.

Não era rua, mas um trilho cercado de grama nos dois lados.

Sabia-lhe as curvas, os desníveis, as pedras que a calçavam, onde podia empossar água ou causar algum perigo de resvalar e cair

Findo o potreiro, um mata-burro a separava das lavouras.

A partir dali, pelo lado direito de quem vinha, era coberto por mata muito espessa de onde seguidamente víamos sair ratões, cobras, lagartos, saracuras...

Lá pelas tantas, à beira do mato, havia um toco de árvore apodrecendo. Não me perguntem o porquê, mas havia-me proposto que, a cada vez que passasse por este tronco, lembraria de um senhor, dono de uma casa comercial que julgávamos ser o mais rico do então povoado, hoje progressista cidade de Marau.

Longo adiante a ruazinha era ladeada por mata pelos dois lados.

Não nego, tínhamos receio de passar por aquele trecho do caminho, por vezes escuro da manhã, quando íamos à igreja para a missa da primeira sexta-feira do mês.

Jamais lembro de nossos pais terem nos acompanhado neste trajeto. E não só os nossos pais, pois no geral os pais não levavam nem buscavam seus filhos no colégio.

De uma coisa tenho certeza: hoje não faríamos aquele percurso a pé. Eram longos quatro quilômetros de péssimas estradas.

Quando chovia ou havia muita lama, íamos descalços e lavávamos os pés num córrego que passava próximo ao colégio, para então calçar o chinelo.

Hoje, essa ruazinha bem melhorada, conduz à residência de meus irmãos que ainda moram por lá.

Recebeu o nome de rua Sílvio Confortin, em homenagem a meu avô, proprietário de grande área naquela região. Exímio músico, homem culto, severo, conhecido e admirado por todos, veio criança nova da Itália, junto com seus pais que viveram a vida toda naquelas terras.

Muitos caminhos marcaram meu viver. Uns poucos largos e claros. A maioria estreitos, pedregosos e espinhentos.

Aquele caminho, embora estreito e difícil de se percorrer, foi o mais alegre de todos.

O importante, no entanto, é que passei por todos eles e retornaria a percorrê-los com muita alegria.

AQUELA MULHER

Como defini-la?

Mulher forte, saudável, guerreira, larga visão, prendada, trabalhadora, corajosa, criativa e, por que não, escrava.

Aquela mulher era tudo isso e muito mais. Para ela não havia empecilhos, levantava muito cedo. Jamais era vista sem ocupação. Nas horas dedicadas ao descanso do meio-dia, ou antes de recolher-se à noite, puxava para perto de si o balaio de roupas e fazia-lhes os reparos necessários: punha botões, fazia barras, pregava remendos...

Era mil e uma utilidades, cuidando dos filhos, da casa, das roupas, da horta, das vacas, das galinhas, da comida, fazendo queijo, muitos pães, abastecendo a despensa com latas de chimias, melados, bolachas caseiras. Fazia trança com palha de trigo e com ela costurava chapéus para todos os da casa e cestas ('sporte') usadas para colocar o material escolar ou os ovos e queijos que se vendiam no mercado.

Embora cansada das lides diárias, era a última a deitar-se à noite, não sem antes passar de cama em cama para certificar-se de que todos estivessem bem.

Lógico que desde muito cedo acostumou os filhos ao trabalho. Foi muito severa na educação dos filhos, não os poupando de boas palmadas quando necessário.

Fez-se amada e respeitada. Preocupava-se muito com tudo e todos.

Passou por muitas necessidades materiais, mas nunca deixou faltar o essencial aos seus.

Era um misto de felicidade e amargura ao mesmo tempo, o que lhe dava o necessário equilíbrio.

Gozou sempre de boa saúde, excetuando-se os problemas de coluna ocasionados pelas enormes cargas de pasto ou pesados cestos que carregava sobre os ombros.

Suas mãos eram calejadas e seus dedos grossos e retorcidos, dado o contínuo trabalho pesado a que era obrigada fazer, além de costurar, remendar, pregar elásticos e botões, coser bolsos no sentido verdadeiro e simbólico; e encaminhar cada um dos dez filhos para a vida, fazendo-os sabedores que a vida é trabalho, esforço e dedicação.

Era exímia cozinheira. Suas comidas simples continham um tempero especial: o amor. Tudo o que fazia era muito bom.

Incomparável o pão por ela amassado, o qual, colocado sobre a palha de milho, ia para o forno de barro. Ela o trançava, enrolava, inventava formatos, não esquecendo nunca as pombinhas ou bonequinhos que fazia para as crianças, colocando neles grãos de feijão a imitar os olhinhos.

Era de pouca fala, mas o exemplo valia por muitos conselhos e sermões.

Tenho certeza que envelheceu e morreu com a consciência tranquila do dever cumprido.

Aquela sábia analfabeta, doutora no saber e ensinar, era minha mãe.

Deus a tenha em sua glória.

POVERI BAMBINI

Quando mamãe lembrava do triste ocorrido, postava as mãos como quem vai rezar e dizia: *poveri bambini* (pobres crianças), numa exclamação de dó e compaixão.

Era costume, ao menos nas famílias italianas, que ao dar à luz, sempre em casa, com o auxílio de uma parteira ou prática, mandassem as crianças para a casa de algum parente ou vizinho.

Foi o que ocorreu na casa de minha avó materna Ângela, quando iria dar à luz seu décimo filho.

Entre os nove filhos, minha mãe então com oito anos, era a quarta, a primeira menina em ordem decrescente. Antes dela havia três meninos e, após ela, mais cinco crianças, ou seja, duas meninas e três meninos.

Estas nove crianças foram para a casa de vizinhos (modo de chamar, pois o mais próximo morador ficava a quilômetros).

Estranharam estes pequenos que ninguém ia buscá-los, o que aconteceu somente dois dias após.

Ao chegar em casa, cheias de saudade da mãe, procuraram-na por toda a parte, dentro de casa, nos paióis, estrebaria, galinheiro, porão, horta, roças, tanque e, nada de encontrar.

Veio a noite e a mãe não veio com ela. Novo dia amanheceu, a angústia crescia nas pobres crianças que chamavam, choravam e pediam pela mãe. Aos poucos foram se acostumando com a ausência daquela santa que morrera ao tentar dar à luz ao décimo filho, o qual levou consigo para a sepultura e que ninguém foi capaz de falar aos pequenos órfãos.

Meu avô, José Fávero, que se viu impossibilitado de dar conta sozinho de cuidar dos filhos, da casa, dos animais e dos afazeres nas roças, pediu a ajuda de sua cunhada. Assim a tia Vergínia Cadoná, irmã da falecida vó Ângela, veio em seu auxílio e passou a morar com a família.

Passado algum tempo casaram-se os dois e as crianças chamavam a madrinha de “Ziota”, termo italiano carinhoso, traduzido por “Tiazinha”.

O fato é que a Ziota foi uma verdadeira mãe para as crianças.

Era um tanto severa mas muito carinhosa, contava minha mãe. Ensinou às meninas todo trabalho da casa, como lavar, cozinhar, costurar, cuidar e ordenhar as vacas para o leite e queijo da família, e em tempos vagos, deu-lhes noções de artesanato como tricô, crochê, trabalhos com palha de trigo, bordado...

Minha mãe, mesmo sendo analfabeta das letras, era uma dona de casa a qual administrava como poucos.

A união de meu avô com a Ziota Vergínia, veio aumentar de 9 para 12 o número de filhos.

Quando minha mãe estava com quinze anos, a morte voltou a bater às portas da numerosa família, levando desta feita, o pai desta dúzia de filhos.

Não sei dizer quanto tempo depois desta perda, a Ziota contraiu novo casamento, nascendo-lhe mais dois filhos.

Assim, a família de minha mãe foi formada por três núcleos, onde todos se consideravam irmãos e se queriam muito bem.

AONDE EU VOLTARIA

Dizem que sempre se volta ao lugar onde foi feliz.

Para falar a verdade, feliz, feliz, fui mesmo na infância, até meus treze anos incompletos, quando vivia junto com meus pais e irmãos.

A gente levava a vida na maior simplicidade e alegria, sob o cuidado e ordens dos pais.

Fazia-se o que mandavam, obedecia-se sempre, não se respondia, não se reclamava.

Éramos, nós irmãos, muito unidos e muito amigos.

Íamos ao colégio numa longa caminhada de mais de quatro quilômetros, outros tantos para a volta.

Não se faltava às aulas a não ser por doença, o que raramente acontecia.

Enfrentávamos chuva, barro, frio e achávamos normal.

Não tínhamos maiores ambições e não reclamávamos do trabalho que tínhamos por fazer.

Brincávamos à noite, ao luar; aos sábados de tarde, após o serviço feito e aos domingos de tarde, ao regressarmos da catequese.

Conhecíamos tudo nas extensas terras da família.

Sabíamos o nome de todas as árvores que davam frutos silvestres, como as gaviroveiras, pitangueiras, cerejeiras, ovalheiras, ariticunzeiros. Sabíamos do pinheiro que dava pinhão mais graúdo, das melancias que cresciam na roça, da figueira da índia que se carregava de vistosos figos e sofríamos demais para descascá-los a fim de lhes degustar o incomparável sabor.

Nossa moradia era mágica. Sua paisagem surpreendentemente linda. Havia extensa mata ao lado de onde soprava o ar puro e fresco.

O luar era apaixonante para nós, já que naqueles longínquos tempos, a energia elétrica não alcançava as zonas rurais. Adorávamos brincar quando se fazia lua cheia.

Para este lugar de magia, de alimentos saudáveis e sem agrotóxicos, onde tudo era muito natural, eu voltaria.

No entanto, o verbo se encontra no pretérito, ou seja, voltaria; e não no presente, eu volto. Assim, não vou voltar a este lugar que me fez tão feliz, porque a vida foi passando, os anos acumulando década sobre década e o caminho da ida só se faz para a frente, sem retorno.

Hoje sou uma pessoa adulta, vivida, madura e feliz quanto uma pessoa nestas condições consegue ser feliz, sabendo que a felicidade tem altos e baixos, que há momentos de muita estabilidade e outros que nos desestabilizam e quase nos rompem os alicerces.

É bom sempre olharmos para os lados e sentirmo-nos privilegiados se comparados com tantos desafortunados da sorte e da vida.

A vida acontece no aqui e agora, e é aqui que quero estar.

O SACRIFÍCIO COMPENSA

Na vida, nem tudo é fácil de ser conquistado.

Felizmente temos momentos de alegria, otimismo e coragem, entremeados por outros nos quais nos sentimos sucumbir.

Nada como um dia após o outro com uma noite a separá-los, na qual a própria escuridão contribui para um relaxamento e reposição de forças.

Tudo muito bem bolado por quem fez o tempo e tão bem o distribuiu.

Nós humanos, temos o hábito de reclamar quando, na realidade, só deveríamos agradecer.

Temos vida que nos foi dada gratuitamente, temos inteligência que nos faz raciocinar e agir bem ou mal de acordo com nosso entendimento e a liberdade de assim proceder.

Temos os sentidos que nos permitem ver as maravilhas que nos cercam, falar, ouvir, sentir. Temos capacidade de crescimento intelectual, moral, espiritual, sem falar que temos uma família, aconchego sagrado de nossas vidas.

Somos felizes e afortunados, embora nossa casa possa ser simples. O importante é que seja acolhedora e nela nos sintamos bem.

Quantos irmãos nossos não tem sequer um telhado e um colchão para repousar o corpo após um dia de sofrimento e “nãos” pelas ruas e esquinas.

Lembro, com saudades, quando crianças, à noite, após um dia de trabalho, tinha-se farta mesa, cama quentinha, relativo conforto embora a pobreza, e o inestimado carinho dos pais.

Não que não houvesse problemas. Havia-os sim, principalmente os financeiros, as secas no verão, ou no inverno as geadas que causavam grandes danos às plantações, mas o zelo dos pais pelos filhos fazia-os contornar as dificuldades.

Era normal algum desentendimento entre os irmãos, mas um olhar do pai ou meia palavra, bastavam para restabelecer a ordem.

Por vezes, umas palmadas resolviam o problema de vez.

Havia um profundo respeito pelos pais ou pessoas mais velhas. Obedecia-se sempre e aprendeu-se a ser justo e correto.

Como reinava o amor, não se tinha dificuldades em seguir as normas estabelecidas.

Hoje todos adultos, seus filhos e netos, talvez com um pouco a menos de rigor, foram criados naqueles mesmos princípios.

Todos trabalharam, lutaram e sofreram, mas agregaram grandioso valor às conquistas da vida.

ANTIGUIDADES

Gosto, no pouco que viajo, sempre que possível, visitar anti-
quários. Admiro as pessoas que preservam objetos do passado, não por
apego mas para recordar tempos que lá se vão, por amor à arte.

Imaginem que aquela geringonça de fazer queijo ou aquela ou-
tra, de espremer o torresmo para extrair a banha, se fossem colocadas
frente a frente e se falassem, lógico, quantas boas passagens não teriam
para contar e quantas gargalhadas dariam.

Encanto-me com as louças de porcelana antigas; são de uma ele-
gância a toda prova. E aqueles talheres sofisticadíssimos.

Tenho comigo alguma coisa antiga, como o ferro de passar à
brasa, um velho lampião à querosene, um bule esmaltado branco com
pintura já descascada, no qual coloquei um arranjo de flores. Deve ter
servido milhares de xícaras de café, passando de mão em mão, numa
mesa austera e muito grande, sobre a qual, estendida uma toalha xadrez,
eram colocados pães caseiros, pratos de polenta, queijo, salame e doces
caseiros.

Quando o bule, cansado de sua função, furou, foi jogado fora,
assim como tudo o que não servia mais, assim como a máquina manual
de plantar milho e feijão, assim como a velha e manchada máquina
de sulfatar parreiras, assim como a de espremer o torresmo, a de fazer
queijo.

Mas o que mais gosto das minhas velharias, além da lousa onde
aprendi a escrever e fazer contas, nos idos de mil novecentos e quarenta
e cinco, são dois pedaços de madeira que numa visita recente à casinha

onde nasci, há muitas décadas passadas, meu irmão arrancou da parede, colocou num saco velho que havia por ali e deu-me para trazer como recordação.

Passei-as numa solução de prevenção a cupins, envernizei-as e apliquei nelas uns ramos de orquídeas. Lá estão a enfeitar a parede da sacada e a lembrar de meus avançados anos.

São um pedaço de mim.

COMO CHEGARAM NOSSOS ANTEPASSADOS

Toda vez que passo pela região da serra gaúcha, sinto uma estranha nostalgia, como se algo de mim houvesse passado ou ficado por lá.

Acho aquilo tudo de uma beleza incomparável. As terras muito dobradas, vales e montanhas com suas matas virgens.

Nas encostas e poucas planícies, muitos e muitos parreirais, cultivados com esmero, com carinho, com o cuidado próprio de quem lhes conhece os segredos do cultivo.

É a região de imigração italiana, dos valorosos italianos, entre eles meus antepassados, gente forte, de pele bronzeada, mãos calejadas, portadores de grandes valores, sobretudo coragem.

Na maioria dos países europeus havia população excedente tanto no campo quanto nas cidades, destacando-se entre eles, a Itália, que passava por grande transformação devido à revolução industrial que favorecia os grandes proprietários em detrimento dos pequenos camponeses que perdiam suas glebas de terra e com suas numerosas famílias aglomeravam-se nas periferias das cidades.

Ameaçados pela fome e frio e incentivados pelo governo, a emigração para a América tornara-se bom negócio.

A propaganda falava em país da fartura. Os cartazes afixados nos portos de Gênova sugeriam que a comida caía do céu. Os folhetos prometiam transporte gratuito, hospedagem, instrumentos de trabalho, sementes, assistência médica, instrução para os filhos, crédito para a compra de um lote de terras e outras regalias mais.

No final do século XIX, mais precisamente em 1875, chegaram ao Rio Grande do Sul os primeiros grupos de imigrantes italianos. Até o fi-

nal do século um milhão de italianos chegou ao Brasil, sendo que oitenta e quatro mil para o Rio Grande do Sul.

A viagem na 3ª classe de um navio superlotado, sem assistência médica, comida precária, dormindo no chão, durava um mês.

Desembarcavam no Rio de Janeiro onde se hospedavam na Casa de Imigrantes e após, em vapores, chegavam a Porto Alegre onde eram hospedados em barracões precários. Dali partiam em carroças, lombo de burros ou a pé, para os locais de destino.

Através de picadas abertas na mata virgem, chegavam ao destino ficando em barracões coletivos de onde saíam cedo da manhã para o lote que lhes fora destinado, onde improvisavam precária moradia. Voltavam ao anoitecer.

Diante das dificuldades e promessas não cumpridas (em 1879 o governo suspendeu toda despesa oficial destinada à imigração), muitos pensavam em desistir, mas nada mais possuíam nem tinham para onde ir, então ficavam.

Restava-lhes viver como podiam, assim nos contavam os antigos.

Contudo, não desistiram: trabalharam, desbravaram, sofreram e aos poucos, foram adquirindo novas terras e alcançando novas regiões.

Mais imigrantes chegaram provenientes quase que na totalidade do norte da Itália, região mais atingida pela crise econômica da época.

Esta procedência é comprovada sobretudo pelos nomes dados às localidades por eles fundadas: Nova Trento, Nova Veneza, Nova Pádua, Nova Bassano, Nova Roma, Nova Prata, dentre outras.

Certamente podemos dizer que nossos antepassados foram heróis.

Enfrentaram o mato com a cara e a coragem e desbravaram toda a região, superando dificuldades sem tamanho e sem número.

Isto serviu-lhe de combustível para tornarem-se fortes e destemidos, exemplo de trabalho, perseverança e prosperidade.

Trazemos deles, muitas destas qualidades e valores.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br

Doou-se à família com o mesmo gosto e satisfação com que trabalhou pela educação, aposentando-se após décadas de serviço. De volta ao Rio Grande do Sul e após o falecimento de seu esposo, no ano de 2000, passou a cultivar com mais prazer e dedicação o hábito da leitura. Hoje, aos 80 anos, tendo vida pessoal e familiar construída, solidificada e encaminhada, usufrui e bem ocupa-se de seu tempo com o artesanato, o serviço social e, em grande parte, lendo e compondo seus próprios escritos, fruto da alma sensível, crítica e observadora que lhe são tão peculiares.



“Todo ser humano carrega um mundo dentro de si”.

Nesta frase de início da apresentação da obra de Vilma Confortin Scherer, pode-se vislumbrar tudo que seu conteúdo abriga, nas páginas construídas em palavras simples, mas sensíveis em tudo que expressam. Igualmente simples, é a autora, que traz dentro de si a riqueza de uma vida toda voltada à família, ao serviço, ao amor, à doação.

Em seus 80 anos, comemorados com a primeira edição desta obra, Vilma sabe ser isenta das influências externas e, livre de tais padrões não mais cabíveis nesta “melhor idade”, utiliza-se de um olhar curioso, observador e atento a tudo que lhe cerca, transmitindo em palavras os sentimentos que expressam o cotidiano da vida que lhe cerca.

Tal qual trabalho tecido em *patchwork*, arte que domina e pratica, enquanto artesanato, Vilma sabe unir pedaços que passariam despercebidos a muitos, ver beleza neles e no conjunto que formam com outras palavras, assuntos, sensações, opiniões.

Seu artesanato aqui, é tão ou mais rico do que o que desenvolve com linhas, tecidos, agulhas. É a sua arte, a sua obra, a sua vida.

80 anos em palavras e memórias, expressões do que vê e sente, que lhe envolvem e tem de si, toda sua atenção e cuidado para se tornarem histórias, aqui partilhadas com o leitor.

A tecitura perfeita de uma vida, bem vivida, cheia de 'reflexões', 'experiências', 'vivências', 'lembranças'.

A leitura de *Tecendo Palavras, Expressando Sentimentos*, de Vilma Confortin Scherer, envolve, encanta e emociona.